

Energia sob suspeita

Debate Apesar da crescente discussão sobre a segurança da energia nuclear, provocada pelo desastre na central nuclear de Fukushima (Japão), os planos governamentais de construir mais quatro usinas no Brasil não serão alterados no momento. Segundo a Eletronuclear, empresa ligada ao governo que comanda as operações das usinas de Angra I e II, a única mudança prevista será em relação aos mecanismos de geração elétrica suplementar, que mantém o sistema de refrigeração das centrais nucleares ligado em caso de acidente. “Estudamos a construção de uma pequena central elétrica nas imediações das usinas”, afirma Luiz Soares, diretor técnico da Eletronuclear. Mas, para o professor Johnny Ferraz Dias, “não adianta existir essa segurança para a eventualidade de um acidente e não haver o envolvimento da população. Ela precisa ser muito bem treinada e saber exatamente o que deve ser feito nesses casos. E eu não sei como os habitantes de Angra responderiam, por exemplo, a uma evacuação”. De acordo com a Eletronuclear, o que existe hoje em relação ao assunto é o Plano de Emergência Externo do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela Defesa Civil de Angra, que realiza exercícios anuais com uma parcela da população da região. Mesmo com tais garantias governamentais, o debate a respeito da expansão das usinas nucleares divide opiniões. **P5**



Técnico mede nível de radiação no reator da usina de Angra II, durante parada para troca de combustível

ELETRONUCLEAR/Divulgação/JU

Tarso Genro fala sobre os compromissos da academia

Para o governador, que proferiu a Aula Magna deste semestre, a grande questão do ensino superior, e do que deriva dele em termos de ciência e tecnologia, é a compatibilização do humanismo com as conquistas científicas e tecnológicas e com a reorganização do Estado. Em entrevista exclusiva ao JU, Tarso Genro disse que o Brasil enfrenta uma crise de

paradigmas para a composição de uma sociedade mais igualitária. “Portanto, o nosso caminho em direção a uma sociedade justa é também um desbravamento e uma recomposição do ideário humanista, libertário e democrático, que ainda está em processo de elaboração”, concluiu.

Página Central



FLÁVIO DUTRA/JU

CRISE NA LÍBIA

Governo de Kadhafi resiste à intervenção da OTAN

Iniciado em fevereiro, o conflito na Líbia é uma das consequências das revoltas árabes. Parte da população que se rebelou contra o ditador Muammar al-Kadhafi foi obrigada a se armar, e a situação evoluiu rapidamente para uma guerra civil. Após alguns dias de combates, ficou claro que as forças militares do governo eram superiores às dos rebeldes e que Kadhafi sairia vitorioso. O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, então, resolução que impôs uma zona de exclusão aérea sobre parte do território líbio e autorizou o uso de

todos os meios necessários para proteger os civis. O principal mecanismo de ataque às forças do ditador tem sido os bombardeios liderados pelos países-membros da OTAN, embora pareça claro que apenas eles não serão suficientes para fazer com que Kadhafi deixe o poder. Os países da OTAN ficam no meio do caminho entre um apoio mais efetivo aos rebeldes e um aumento de sua própria presença na guerra – mas sem levar tropas ao país, já que ninguém quer outro Iraque ou Afeganistão. Além disso, o apoio à intervenção não é unânime. **P10**



FLÁVIO DUTRA/JU

EXTENSÃO

Faculdade de Veterinária integra projeto Bicho-amigo

Uma proposta que prevê a atuação da UFRGS no atendimento clínico a animais domésticos oriundos de comunidades carentes da capital foi apresentada à Prefeitura de Porto Alegre pela Faculdade de Veterinária. A iniciativa irá integrar o projeto Bicho-amigo, com o qual a prefeitura já oferece o transporte de animais de vilas populares para a realização de castrações de cães e gatos. Um ônibus doado pela Associação das Empresas de Transporte de Passageiros (ATP) está sendo equipado e irá funcionar como uma clínica-móvel apta à realização de procedimentos como

o atendimento clínico e cirúrgico de animais domésticos e a coleta de materiais biológicos para análises laboratoriais. A professora Liris Kindlein, futura coordenadora do projeto da Universidade, informa que docentes, técnicos e estudantes da faculdade irão dedicar oito horas semanais às atividades. Enquanto aguarda a assinatura do convênio para a oficialização da parceria, Lourdes Sprenger, coordenadora de Políticas Públicas para Animais Domésticos da Prefeitura, diz que a unidade-móvel deverá estar pronta em cerca de dois meses. **P7**

Vestibular: como são escolhidas as obras da lista de leituras obrigatórias **P6**

PALEONTOLOGIA

Pesquisadores da UFRGS descobrem raro fóssil herbívoro

O grupo coordenado pelo paleontólogo Juan Carlos Cisneros localizou o material no distrito de Tiaraju, no município de São Gabriel. O fóssil é um terápsido (antiga linhagem de vertebrados que deu origem aos mamíferos), que viveu no Período Permiano da Era Paleozoica, há cerca de 260 milhões de anos. O achado já rendeu um artigo na Science. **P11**

universidade Trotes não devem reproduzir estereótipos **P2**

política Artigo discute os rumos do comunismo **P4**

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farrópilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecke Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva, Everton Cardoso e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Cadinho Andrade, Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Dalane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochmann
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

Compromisso e relação com a sociedade

É missão da Universidade mobilizar a sociedade para refletir sobre temas atuais e relevantes, bem como para construir e encaminhar ações capazes de promover desenvolvimento e cidadania; isto acontece em centenas de projetos de extensão e de pesquisa em parceria. O mês de abril foi rico em eventos que expressam o compromisso e a inserção social da Universidade, com a participação dos dirigentes máximos da administração municipal, estadual e do Ministério da Educação.

O governador Tarso Genro honrou nossa Universidade ao ministrar a Aula Magna "A Universidade e o Futuro da República". Nesse momento marcante de abertura solene do calendário acadêmico de 2011, o governador, com vigor intelectual, falou sobre democracia, nação e república, destacando a importância da cultura de solidariedade e o emprego da tecnologia para melhorar a vida das pessoas. Foi grande a participação da plateia, que

lotou o Salão de Atos e nos permitiu refletir sobre o papel reservado à universidade na consolidação da educação, formação, pesquisa e transferência de conhecimento e inovação para o desenvolvimento sustentável e o bem-estar da sociedade.

O prefeito José Fortunatti proferiu a Aula Inaugural do Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, parceria entre a Fabico e a ESEF que busca instrumentalizar profissionais para o desenvolvimento de pesquisas científicas na área de mídia e esporte, enfocando questões como ética e direito esportivo. Falou sobre as ações estratégicas do executivo municipal com vistas aos grandes eventos esportivos já programados e sobre o papel da Universidade. E ambos, governador e prefeito, prestigiaram a abertura da exposição Percurso do Artista, que traz a retrospectiva do trabalho do professor Luiz Eduardo Achutti, com destaque pela utilização da fotografia como um tipo de narrativa que pode dar maior profundidade

ao estudo do homem pela vivência de sua realidade.

Já o ministro Fernando Haddad esteve no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, nosso hospital-escola, acompanhado de uma comitiva de deputados federais. Ao elogiar a qualidade da gestão do HCPA e o original modelo de interação acadêmica com a UFRGS, explicitou que os ministérios da Saúde e Educação irão investir em hospitais universitários e pretendem utilizar o modelo bem-sucedido do HCPA, que combina com êxito a prática universitária de formação e de pesquisa com o ambiente de assistência qualificada, aliada a uma administração hospitalar competente e arrojada.

Entendemos que esta é uma nova etapa de crescimento institucional, de estreitamento das relações com a sociedade organizada; evolução que é resultado da competência e da dedicação do conjunto de mais de 40 mil pessoas que constituem a comunidade da UFRGS.

Mural do leitor

Tuberculose

Parabenizo a todos pelo excelente jornal! Gostaria de sugerir o tema tuberculose multirresistente para uma das matérias.

► **Nadine C. Cruz, aluna do Bacharelado em Matemática-UFRGS**

Ensino de Matemática

Fiquei chocado com a publicação no último número do Jornal da UFRGS de uma matéria em que é dito "O Instituto de Matemática da UFRGS ensinava a ser um péssimo professor". Em primeiro lugar, considero uma falta de ética alguém se referir ao trabalho de colegas seus desta Universidade de forma genérica e tão depreciativa. Lembro que, na última avaliação das graduações, os nossos programas de Bacharelado e Licenciatura ficaram com a nota máxima (5). Não foram muitos cursos que obtiveram tal conceito. Em segundo lugar, não entendo como o conselho editorial do Jornal da Universidade permitiu que alguém usasse expressões tão aniquiladoras sem apresentar ao lado alguma contra-argumentação da parte atacada. [...] Relembro que o problema da pouca procura pela profissão de professor ocorre em todo o Brasil e ainda em grande parte do mundo civilizado. Estados Unidos, França, Inglaterra, etc. A lamentável afirmação do nosso Jornal não ajuda em nada a gente a tentar atrair mais estudantes para os nossos cursos. É lamentável! Exigimos que nos seja dado o direito de resposta a esse verdadeiro ultraje dirigido à nossa atuação.

► **Artur O. Lopes, professor do Instituto de Matemática**

Estudantes em Galápagos

Gostaria de solicitar uma retificação com relação a uma das reportagens apresentadas na última edição do jornal da UFRGS (março 2011), "Galápagos não é o limite", página 9. Na verdade, foram três alunos do 8.º semestre do curso de Biologia Marinha selecionados para trabalhar no projeto de monitoramento das atividades de anidadação da tartaruga verde em Galápagos: Julio Cesar Zemor, Karine Mariane Steigleder e Luciana Medeiros Silva – citada na reportagem. Todos os três tiveram o incentivo e o apoio de Jonathas Barreto, ex-aluno do curso da Biologia Marinha que já havia participado desse projeto e atualmente trabalha junto à sua coordenação, após ter recebido, no início deste ano, um convite da Fundação Charles Darwin. Solicito a devida retificação, pois a Universidade estava representada por três alunos, e não por apenas um. Estágios internacionais são de grande valia à carreira acadêmica dos discentes e para a imagem da UFRGS. [...] Sem dúvida, essa reportagem será um grande incentivo aos demais alunos, tanto do curso de Biologia Marinha como de toda Universidade, já que há a possibilidade de estágio em diversos setores dentro da Estação Científica Charles Darwin e também no Parque Nacional Galápagos. Certamente novas possibilidades se abrirão aos demais, fazendo com que o nosso curso cresça ainda mais, levando mais longe o nome da nossa Universidade.

► **Karine Steigleder, aluna do 8.º semestre do curso de Biologia Marinha**

jornal@ufrgs.br

Correções

No texto intitulado "Água de beber", publicado na página 4 da edição de março do JU (n.º 135), no antepenúltimo parágrafo, onde se leu "Os autores observaram que APENAS a água mineral natural estava dentro dos padrões exigidos pela legislação brasileira", a palavra *apenas* deve ser desconsiderada. Além disso, por um equívoco, deixaram de constar as referências bibliográficas que reproduzimos a seguir: BERTOLO, R.; HIRATA, R.; FERNANDES, A. Revista Brasileira de Geociências, v. 37, n. 3, p. 515-529, set. 2007. FARACHE FILHO, A.; DIAS, M. F. F. Qualidade microbiológica de águas minerais em galões de 20 litros. Alimentos e Nutrição, v. 19, n.3, p. 243-248, jul./set. 2008. FOLHA DE S. PAULO. Consumo de água mineral cresce com avanço da classe C. 24 de outubro de 2010. GLEICK, P. H. Bottled & sold: the story behind our obsession with bottled water. Washington, DC; Island Press, 2010. GLEICK, P. H.; COOLEY, H. S. Energy implications of bottled water. Environmental Research Letters, v. 4, n. 1, jan.-mar. 2009.

A EDITORA

Artigo

Sobre mais um trote idiota

Quando prestei vestibular obtive uma ótima média, que me habilitava ingressar em alguns dos cursos mais concorridos da UFRGS, como Medicina, Direito e... Computação. Portanto, segundo os critérios de seleção da Universidade, eu teria capacidade para cursar vários cursos, além daquele que escolhi: História. E, como não poderia deixar de ser, muitos me questionaram: mas por que História? Por que não escolher um curso mais valorizado socialmente, com mais possibilidades de ganhos econômicos e simbólicos? A resposta, também como não poderia deixar de ser, foi singela: porque eu gosto de História. Minhas hesitações quanto a essa carreira foram poucas. Cheguei a pensar em Letras, Arquitetura e Artes... mas nunca em Medicina, embora viesse de uma família com muitos médicos, Direito e, muito menos, Computação. Certamente não me realizaria, como me realizei na História, se optasse por esses caminhos.

Ao longo da minha formação, desenvolvi muitas habilidades e competências. Aprendi a

investigar os registros do passado, a analisar e compreender as ações de homens e mulheres que viveram em outros tempos. Também aprendi a ensinar História para jovens e adultos em diversos graus de escolarização. Por outro lado, não aprendi muitas outras coisas, por exemplo, a cuidar de um paciente, a interpretar leis, a programar computadores. Aliás – e meus alunos riem muito disso –, minha dificuldade com a informática é notória; nem página no Facebook eu tenho!

Desde que ingressei na UFRGS, venho convivendo com professores e alunos de várias áreas e aprendendo com eles. Percebi que uma das melhores coisas da Universidade é justamente esse encontro das diferenças, de muitas capacidades que podem se complementar e produzir realizações muito legais. Há pouco tempo, por exemplo, fiz a curadoria de uma exposição para o Museu da UFRGS com a colaboração de colegas da Letras, da Antropologia, da Museologia, da Educação e da Informática. Nem sempre a conversa foi fácil, mas creio que o resultado foi uma colaboração

fraterna e uma bela e informativa exposição.

Por isso, foi com muito desgosto que, durante uma das minhas aulas, ouvi pela janela os gritos que os alunos da Computação bradaram em seu recente trote. No início, não entendi direito, mas depois, com a ajuda de meus alunos, percebi o que era dito: "Biologia, História, Sociologia, Nutrição, não têm capacidade pra fazer Computação". No início, não dei muita bola, até porque sei que *slogans* semelhantes são usados nos trotes de outros cursos; apenas pensei: "que idiotice!". Mas depois percebi que o problema era mais sério e resolvi me manifestar: será que queremos que ingressem na UFRGS alunos que, embora tenham obtido as médias suficientes no vestibular e/ou no Enem, não entendam que a Universidade é o local por excelência da pluralidade e do diálogo, e não da hierarquia entre as áreas do conhecimento, da valorização de algumas em detrimento de outras? Será que os "veteranos" ainda não entenderam o valor da troca, do aprender com o outro, e em consequência transmitem aos "calouros" os valores do desrespeito e da intolerância? Sim, eu

não tenho capacidade de programar computadores, mas tenho várias outras que podem interessar a alunos e profissionais de outras áreas. Sim, quero muito aprender com os colegas da Computação, da Medicina, das engenharias, da Música, pois eles têm capacidades que podem me completar e me auxiliar profissionalmente (e existencialmente, ousar dizer).

Que a administração da Universidade, em seus diversos níveis, da reitoria às chefias de departamento, não seja tolerante com a intolerância, que reprove publicamente trotes idiotas como esse e tantos outros que, com a desculpa de introduzirem os novatos em seus respectivos cursos, reproduzem estereótipos classistas, racistas, sexistas e homofóbicos, além de causarem danos e constrangimentos físicos e morais. Só assim construiremos uma UFRGS de muitas capacidades e com palavras de ordem mais belas e inteligentes. Bem-vindos à UFRGS os "bixos" da Computação!

Benito Bisso Schmidt

Professor do Departamento de História da UFRGS

Fronteiras do Pensamento 2011

Personalidades que rompem limites

Mais uma vez a UFRGS abre suas portas para receber o seminário internacional Fronteiras do Pensamento, agora em sua quinta edição. Apresentado pela Braskem, o curso de altos estudos traz este ano dez conferencistas: Fredric Jameson (23 de maio), Shirin Ebadi (13 de junho), Zygmunt Bauman (11 de julho), Lech Waleśa (8 de agosto), Lygia da Veiga (22 de agosto), Garry Kasparov (5 de setembro), Sylvia Earle (26 de setembro), Luiz Felipe Pondé (outubro), Alain de Botton (21 de novembro) e Orhan Pamuk (5 de dezembro).

No total, já foram mais de 70 conferencistas nacionais e internacionais, representando as mais diferentes áreas do conhecimento, que compareceram à Universidade em cerca de 50 encontros realizados no Salão de Atos, reunindo grande número de pessoas da comunidade local e de outros estados. No segundo semestre do ano passado, foi realizada a primeira edição do Fronteiras destinada a professores e estudantes de escolas públicas, cujo objetivo era o de levar a esse público as ideias apresentadas nas palestras.

Segundo o curador do seminário, professor Donald Schüller, Porto Alegre está revivendo períodos de efervescência intelectual experimentados no início do século XIX, quando a capital gaúcha "abriu a porta para o mundo". Ele recorda as reflexões acaloradas suscitadas por nomes ilustres como Eduardo Guimaraens, ex-diretor da Biblioteca Pública Nacional, gaúcho considerado um dos maiores representantes da poesia simbolista no país; Augusto Meyer, que fez parte do modernismo gaúcho,



O professor Donald Schüller faz a curadoria do seminário

introduzindo uma feição regionalista à poesia; Alcides Maya, autor de um dos melhores estudos críticos sobre a ironia em Machado de Assis. "O Rio Grande do Sul, especialmente Porto Alegre, foi polo de renovação e de confluência de ideias, e a criação do Mercosul potencializou essa posição no cenário nacional e no âmbito da América Latina", observa Donald.

Ao comentar o Fronteiras, iniciado há cinco anos, Donald considera que projeto surge no lastro da herança cultural do estado. Com relação aos conferencistas de 2011, ele salienta a presença das mulheres: a Prêmio Nobel da Paz Shirin Ebadi, iraniana que luta pelos direitos humanos, grande

responsável pela mudança da imagem da figura feminina em seu país; a geneticista Lygia da Veiga, pioneira nas pesquisas sobre células-tronco; e a oceanógrafa Sylvia Earle, vencedora do TED Prize 2009 por sua proposta de estabelecer uma rede global de áreas marinhas protegidas.

De acordo com o curador, o seminário deste ano dá destaque às humanidades, com as presenças de Fredric Jameson, um dos críticos literários de maior projeção nos Estados Unidos, e Zygmunt Bauman, sociólogo de origem polonesa que cunhou o conceito de "cultura líquida", descrita por ele como um novo fenômeno: "Com a queda do muro de Berlim, o mundo

se tornou líquido, todas as coisas se misturam. Isso cria uma instabilidade, inclusive nas relações amorosas". Há também a presença de Alain de Botton, responsável por um novo rumo dado à Filosofia do cotidiano, além do romancista Orhan Pamuk, que retrata em sua literatura o conflito entre o Ocidente e o Oriente.

"Escolhemos pessoas que se colocam na fronteira e que procuram romper fronteiras", resume Donald. É o caso da Shirin, no Irã, e de Pamuk, na Turquia. Já Fredric Jameson rompe com uma ortodoxia marxista no exame da cultura e exemplifica a inquietação nas diferentes áreas que caracteriza o Fronteiras 2011.

Biblioteca virtual

Cartão agiliza acesso à Portal de Periódicos

Para acessar remotamente o Portal de Periódicos da Capes, basta utilizar o número do Cartão UFRGS como usuário e sua respectiva senha, não havendo mais necessidade de configuração de Proxy (o servidor que atende a requisições, repassando os dados do cliente à frente). O Portal é uma biblioteca virtual que disponibiliza a instituições brasileiras de ensino e pesquisa um acervo de mais de 26 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, nove bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Um manual que mostra como entrar no ambiente virtual está disponível no endereço www.cpd.ufrgs.br/servicos/e-mail-e-internet/acesso-portal-capes.

Internacionalização

Instituto Confúcio terá sede na UFRGS

A presidente Dilma Rousseff assinou, em 12 de abril, um acordo bilateral com a China para a implementação do Instituto Confúcio (IC) na UFRGS. O IC será instalado no Instituto de Letras, no Câmpus do Vale, com o objetivo de ensinar a língua e a cultura chinesas para estudantes e profissionais brasileiros, por meio do Centro de Estudos de Mandarin. A UFRGS já conta com uma leitora de Mandarin, Fang Xianghong, da Universidade de Nankai, que está ministrando um curso de Chinês para Brasileiros no Instituto de Letras.

Pesquisa

CEEE e Universidade renovam parcerias



A UFRGS assinou contratos com a CEEE que preveem a realização de projetos que integram os Programas 2009 e 2010 de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico do Setor Elétrico do Estado. O objetivo é criar formas mais sustentáveis de produção de energia elétrica a partir de fontes renováveis, tendo em vista a economia de gastos e uma melhor preservação dos recursos naturais. "A UFRGS é a nossa maior parceira na busca por conhecimentos que podem ajudar a resolver problemas no fornecimento de energia elétrica à sociedade", disse o diretor da CEEE, Luiz Antônio Tirello, durante cerimônia realizada no Salão Nobre da reitoria.

A parceria entre a Universidade e a companhia elétrica vem desde a década de 1980. Atualmente, só os departamentos de Engenharia da UFRGS têm mais de 20 projetos com a empresa, envolvendo acadê-

micos de graduação e pós-graduação, cujas pesquisas vão ter impacto no dia a dia dos gaúchos.

Ao todo, foram assinados seis contratos: um com o Instituto de Física e cinco com a Escola de Engenharia. Os projetos envolvem, por exemplo, a geração de energias alternativas com maior eficiência; o aumento da confiabilidade e a garantia de operação do sistema elétrico em caso de ocorrência de descargas atmosféricas ou sobretensão.

Para o reitor Carlos Alexandre, a nova parceria é uma importante ferramenta de interação acadêmica e, também, de interação com a sociedade. "É o momento em que a Universidade devolve à população o conhecimento produzido na academia, colaborando para a melhoria da vida das pessoas e, ao mesmo tempo, formando profissionais capacitados a lidar com demandas emergentes do setor", finalizou.

Ensino em rede

Instituições unidas pela informação

Em março, a UFRGS sediou a primeira reunião do INFOACES, projeto que tem por objetivo desenvolver um sistema integral de informações de todas as instituições de ensino superior da América Latina. Participam da iniciativa 32 universidades europeias e latino-americanas, das quais três são brasileiras: UFRGS, Universidade Estadual de Maringá e Universidade Federal de Integração Latino-americana (Unila).

Na avaliação do reitor Carlos Alexandre Netto, o INFOACES não ficará restrito às informações quantitativas do fazer acadêmico de cada instituição, mas também deverá dar visibilidade aos indicadores qualitativos do impacto social das universidades que integram o projeto nas comunidades em que estão inseridas. A experiência da UFRGS em internacionalização aliada à qualidade acadêmica foram os motivos que a levaram a ser escolhida para sediar a primeira reunião do projeto (www.infoaces.org).

José Miguel Carot, pesquisador do Centro de Gestão da Qualidade e da Mudança da Universidade Politécnica de Valência e coordenador do projeto, disse que os alunos necessitam saber onde vão passar o período mais importante de suas vidas quanto à formação. "E isso não se pode decidir de uma forma objetiva e eficiente sem informação adequada", concluiu.

O projeto vai se estender pelos próximos três anos, mas a perspectiva de seus idealizadores é de que venha a constituir-se em um programa permanente.



UFRGS TV

Simplifísica

A aproximação da Física com o cotidiano

Dentro da geladeira tem muito frio ou pouco calor? Por que deslizar no gelo é mais fácil do que rolar no asfalto? E, afinal, qual a relação entre o espelho e o escuro?

Essas são algumas das muitas questões ligadas ao nosso cotidiano que, aparentemente, não possuem respostas simples. Muitas dessas respostas a Física tenta encontrar. Aliada a outras ciências, como Matemática, Biologia e Química, ela nos ajuda a compreender fenômenos que permitem um maior entendimento sobre o funcionamento do mundo. A Física evolui à medida que cresce o uso das tecnologias, sempre embasada na atualização dos conhecimentos teóricos desenvolvidos ao longo da história.

Preocupado em aproximar a Física do nosso cotidiano, já há cinco anos o Instituto de Física da UFRGS promove palestras que procuram ampliar para além da Universidade o conhecimento produzido por professores e pesquisadores, nas quais assuntos como as noções de tempo, de nanotecnologia e de energia nuclear são abordados a partir de sua presença na vida diária.

Realizadas até 2009 apenas na Livraria Cultura, no ano passado essas palestras passaram a ser promovidas também na Livraria FNAC. Constituiu-se, assim, mais um espaço no qual a comunidade tem acesso à formação e à informação científica, muitas vezes restrita às salas de aula e aos laboratórios de pesquisa.

Apoiadora da iniciativa do Instituto de Física e também comprometida com a divulgação, a UFRGS TV apresentou por cinco anos o programa Física na Cultura, o qual, a partir de agora, passa a se chamar *Simplifísica*, com a inclusão das palestras realizadas na Livraria FNAC. Com exposições inéditas em duas quintas-feiras de cada mês, o programa busca desmitificar a ideia de que a Física é uma área do conhecimento distante da realidade das pessoas.

Os próximos programas *Simplifísica* tratarão de temas como Astronomia, Física Quântica e vida extraterrestre. Seja assistindo a programas de TV, seja participando de uma atividade mais expositiva, você está convidado a entender melhor os fenômenos presentes em nosso cotidiano.

Bruna Oliveira e Priscila Daniel, estudantes do 3.º semestre de Jornalismo da Fabco

Assista aos programas

Para saber mais, assista ao programa *Simplifísica*, exibido às quintas-feiras, às 20h10min, com reprise às 23h10min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



Praça em frente à Estação Finlândia, com monumento a Lenín, na cidade russa de São Petesburgo

FLAVIO DUFRÁ/ARQUIVO 21.02.2011/JU

Para onde foi o comunismo?

Jorge Barcellos*

“A principal crítica que faço ao capitalismo liberal não é que ele seja prejudicial, mas que não pode durar para sempre. O comunismo precisa ser reinventado.” Slavoj Zizek

Em 2009, uma série de conferências realizadas em Londres (1) constatou que três coisas levaram à hegemonia da ideia do capitalismo liberal: as derrotas da esquerda mundial na década de 90, o retrocesso das políticas dos estados de bem-estar social e a integração das economias socialistas ao mundo capitalista. Por outro lado, lembraram seus participantes, esse contexto de hegemonia ideológica entre o 11 de Setembro e a crise financeira de 2008 sofreu um baque que trouxe de volta um tema caro aos pensadores de esquerda: a defesa da ideia de emancipação política. Entre os palestrantes do referido seminário, destacou-se Slavoj Zizek, cujas obras têm analisado o cenário político mundial e suas contradições, a partir de uma observação da política de países tão diversos como o Afeganistão, os Estados Unidos e a China. Exponente do que Yannis Stavrakakis denominou de “Esquerda lacaniana”, Zizek rejeita o pensamento da antiga esquerda estalinista e da nova esquerda, apresentando em suas obras uma reorientação da teoria política e da análise crítica do mundo contemporâneo, numa perspectiva surpreendente, impossível de se imaginar há 10 anos. Entre seus principais representantes, encontra-se também Cornelius Castoriadis e Alain Badiou. (2)

Para Zizek, existe um resto no comunismo que não pode ser desprezado. O pensamento de esquerda que defende a democracia liberal é limitado, uma vez que não podemos confiar nas empresas para produzir solidariedade social. A esquerda atual aceita com muita naturalidade que o capitalismo seja o nosso destino final – só nos resta corrigir alguns equívocos e revoltarmo-nos contra o desperdício irracional de recursos, etc. Para Zizek, as experiências reais comunistas foram sangrentas, sim, mas não podem ser comparadas aos massacres levados a efeito pelo capitalismo global atual em sua fúria predatória pelo mundo inteiro. Se quisermos mudar esse estado de coisas, se quisermos emancipação política, precisamos de filosofia, e, nesse sentido, o comunismo ainda tem valor, ao estabelecer a igualdade como um padrão para as políticas que possam vir a surgir.

Dunker (3) enumera três características do pensamento de Zizek que o tornam referência nos estudos sobre o cenário internacional. Em primeiro lugar, o fato de que Zizek é um intelectual engajado, tomando posição e relendo os aspectos simbólicos ocultos nas mais diversas práticas políticas. Filho de comunistas linha-dura e tendo sofrido anos de desemprego, Zizek foi reprovado para o concurso de professor de filosofia –, redigiu os discursos da burocracia estalinista do Comitê Central da Liga Comunista da Eslovênia. Assim,

viu a formação do discurso nacionalista sérvio e a construção ideológica de Kosovo, que interpretou como a realização imaginária da identidade nacional iugoslava, uma mitologia histórica contemporânea. Percebeu, assim, os limites do marxismo de seus contemporâneos, vivendo os elances do socialismo e do capitalismo, seja pela imposição do socialismo iugoslavo ou pelo interesse do capital ocidental na emancipação da Eslovênia.

Em segundo lugar, como fundador da Escola Lacaniana da Eslovênia – uma frente ampla de resistência política, que inclui diversos autores e suas reflexões sobre teatro, artes plásticas e música –, teve oportunidade de ampliar o campo de análise dos fatos políticos. Foi nesse período dos anos 80 que Zizek foi a Paris e estudou Psicanálise – sua tese de doutorado é sobre Hegel e Lacan. Com isso, conseguiu fazer uma reflexão não apenas sobre a desintegração dos estados socialistas do Leste Europeu, como, ao mesmo tempo, discutir a fragmentação política do capitalismo pós-moderno. Obras como *O sublime objeto da ideologia* (1989) apresentam a tese de que a ideologia atual só funciona porque se articula a uma fantasia, cenário imaginário que oculta um antagonismo social. Se o marxismo falava da “liberdade” de venda da força de trabalho, para Zizek isso é uma fantasia, já que, ao vender “livremente” sua força de trabalho, o que o trabalhador perde é justamente a sua liberdade. Sua crítica não é a substituição de homens por coisas, mas ao próprio desconhecimento da relação estrutural de seus elementos: “[...] a fantasia ideológica não se opõe à realidade, mas estrutura a própria realidade social”. (4)

Em terceiro lugar, Zizek deseja o retorno aos fundamentos da política ou o exercício da ‘política propriamente dita’ (*proper politics*). Ela se opõe à pós-política do pós-marxismo inglês e do multiculturalismo, pois entende que as discussões sobre identidade étnica, sexual ou nacional terminam por desconhecer a importância da noção de classe, e assim despolitizam o político. Ela se opõe à arquipolítica, aqui entendida como diluição da política na ascensão do ideal comunitário de destino (religião), porque esta sempre termina em terror. Ela se opõe à ultrapolítica, definida como certa forma de decisionismo à maneira de Carl Schmitt, que permite distinguir um “terror bom” de um “terror mau”. (5) Para Zizek, a política propriamente dita considera o antagonismo ao Capital como ponto central, o tema da luta pela liberdade como objetivo, e o estudo das formas de perturbar as fantasias ideológicas dominantes como estratégia política.

É a partir dessa base teórica que Zizek propõe o retorno aos fundamentos do Comunismo, daquilo que ele chama de *ideia comunista*. Em *Après la tragédie, la farce!* (6), Zizek demonstra que estamos vendo sem criticar a consolidação de uma nova etapa do Capitalismo, na qual a democracia e o livre mercado cessam seus laços e

O mercado e a ditadura não funcionam bem quando deixados sem controle porque eles precisam de violência sobre o social para funcionar e se baseiam na existência de desigualdades sociais

em seu lugar emerge uma face autoritária. É o caso do novo capitalismo chinês, que surge das cinzas de seu comunismo. Herdeiro do autoritarismo dos antigos governos asiáticos totalitários, é inspirado no modelo de Cingapura após a queda do regime soviético. O capitalismo chinês representa um grande perigo para a ideia de comunismo não porque evidencia o seu abandono, mas porque significa uma versão autoritária que não exige grandes mudanças políticas, mas, ao contrário, a centralização com controle da liberdade de expressão, sem falar do uso indiscriminado da pena capital. O mesmo país que teve com Mao a Revolução Cultural – e, portanto, foi a fundo na proposta comunista – foi o que reuniu mais condições para o capitalismo autoritário. Para Zizek, a China diz simbolicamente ao mundo que é possível apenas ganhar dinheiro sem dar importância à democracia e aos direitos humanos. E isso, para Zizek, é inconcebível.

No Capitalismo, as supostas liberdades de escolha se reduzem apenas aquilo que o sistema já escolheu, “como a opção entre Pepsi ou Coca-Cola”. De fato, Zizek tem uma experiência pessoal muito significativa no campo do comunismo, já que viu, melhor do que ninguém, antigos partidários do comunismo desiludidos assumirem, como os mais preparados, a gestão da nova economia capitalista. Zizek recusou esse realismo capitalista como resposta à utopia comunista ditada pelos adeptos do Fim da História (Fukuyama) e acreditou que a resposta devia estar em outro lugar. A confirmação veio com o final dos felizes anos 90 – o 11 de Setembro, a emergência de muros entre Israel e Cisjordânia e na fronteira entre os Estados Unidos e o México – e se completou com a revolta das populações dos países islâmicos. O mercado e a ditadura não funcionam quando deixados sem controle: são estruturas de natureza violenta, já que apresentam uma tendência a manter as desigualdades sociais. Zizek defende o conceito de igualdade, tal como pregado pelo comunismo, como princípio para refundar a política. Ele não abandona a ideia de

democracia, mas critica, por exemplo, as posições das democracias, no caso a do Tibete em seu conflito com a China, sucedido em 2008. Ali onde as democracias viam opressão, Zizek via um Tibete capitalizando-se subterraneamente: mais forte que o autoritarismo chinês. Era o fim das relações tradicionais na região, promovidas pelo capitalismo.

Zizek não quer saber se a ideia do comunista é pertinente hoje. Ao contrário, pergunta: “Como a nossa situação atual aparece da perspectiva da ideia comunista?”. Ao recuperar a dialética do velho e do novo, ele nos mostra que de nada adianta aprender novos termos para nossa época se não damos conta dos velhos termos – sociedade líquida (Bauman), sociedade pós-moderna (Lyotard), sociedade do risco (Beck) e sociedade da informação (Castells). Todas essas reflexões nos fazem perder tempo para entabular a questão central: “O que era eterno no velho conceito de comunismo?” – única forma verdadeira de aprender o que há de novo no mundo.

Zizek afirma que na luta política é preciso defender um mínimo não negociável: para o revolucionário de hoje é não ceder diante da sedução de um capitalismo de face humana. A pobreza e a miséria são dados estruturais do capitalismo. Zizek tem todas as respostas para os destinos da política atual? É claro que não! Mas ele faz perguntas essenciais para a luta ideológica.

(1) A Conferência realizou-se em Londres, de 12 a 15 de maio de 2009, no Birbeck Institute, e os discursos das conferências foram publicados por Slavoj Zizek e Alain Badiou na obra “L’Idée du communisme”, pela Editora Lignes, em 2010. Entre os conferencistas estavam Terry Eagleton, Michel Hardt, Toni Negri, Gianni Vattimo.

(2) Conforme Yannis Stavrakakis, *La izquierda lacaniana. Psicanálise, teoria, política*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010. Professor da Escola de Ciências Políticas da Universidade Aristóteles de Tessalônica, Stavrakakis é autor de *Lacan y lo Político* (2008), *Laclau, aproximaciones críticas a su obra* (2008) e *El populismo como espejo de la democracia* (2009).

(3) Cristian Dunker. Zizek: um pensador e suas sombras. IN: DUNKER, Christian e PRADO, José Luiz Aidar. *Zizek crítico: a política e a psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo, Hacker, 2005.

(4) Idem, p. 53.

(5) O decisionismo é uma premissa dos estudos políticos de Carl Schmitt, que afirma que toda lei necessita de uma decisão baseada na realidade. Essa definição é essencial para fundamentar o nascimento das constituições dos Estados Nacionais, e com isso a natureza dos poderes instituintes do Estado. Conforme Ana Paula Arruda Moraes, no artigo “A soberania como questão de decisão sobre o estado de exceção – Uma análise sob a ótica de Carl Schmitt”. IN: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6483

(6) Paris, Flammarion, 2010.

*Doutorando em Educação-UFRGS, coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre, mantém o blog *filosofiafrancesacontemporanea.blogspot.com*.

O que muda após Fukushima?

Desafio nuclear
Acidente em usina japonesa revela um problema maior, o do abastecimento energético

Em 11 de março, o Japão foi atingido por um terremoto de 9 graus na escala Richter, o mais forte já registrado no país. Seu epicentro, localizado a cerca de 70 km da costa, provocou um tsunami que devastou o noroeste japonês, causando milhares de mortes.

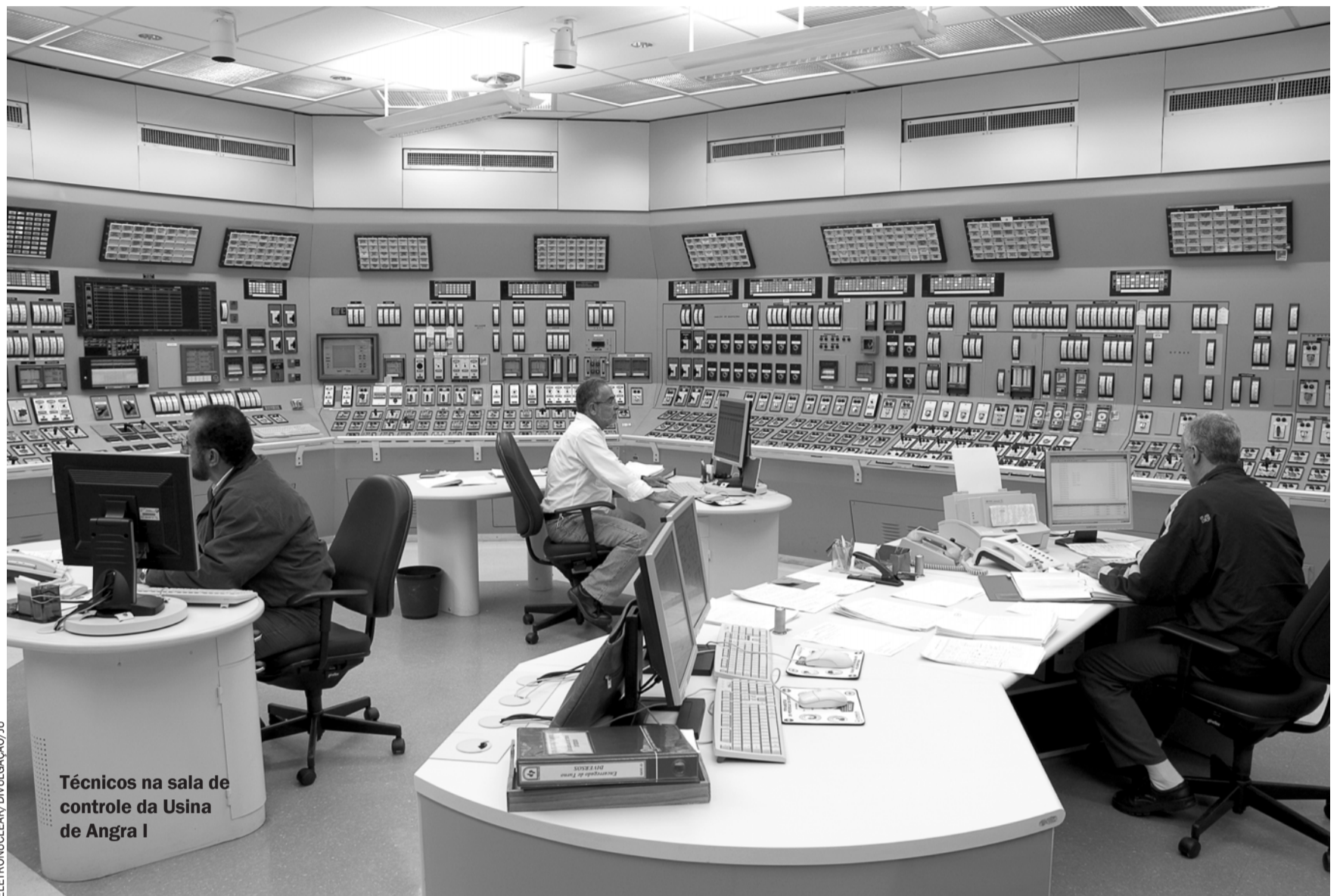
O terremoto fez com que os reatores da central nuclear de Fukushima I se desligassem automaticamente, como projetado em situações de emergência. Cerca de uma hora depois, porém, veio o tsunami. A construção não foi planejada para resistir a uma onda tão grande como a que atingiu, de 15m. As instalações foram inundadas e, desde então, os técnicos enfrentam dificuldades para manter em níveis seguros quatro dos seis reatores da usina. O desafio é resfriá-los.

O acidente deflagrou uma crise na região. Os técnicos foram obrigados a despejar mais de 11.000 toneladas de água com alto índice de radioatividade no mar – para poder armazenar na usina água ainda mais radioativa. As consequências ambientais desse ato são imprevisíveis. As dezenas de milhares de moradores do entorno da central nuclear que foram evacuados não irão voltar a suas casas nos próximos seis meses, no mínimo.

Fukushima é o pior acidente desde Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, mas está longe daquele, em que houve derretimento do núcleo de um reator. O lançamento de partículas radioativas que se sucedeu alcançou a Europa Ocidental e o número de pessoas que morreram no desastre é ainda desconhecido. Hoje, em volta do que foi a usina, há uma zona de exclusão na qual ninguém pode morar.

Os eventos de Fukushima tiveram grande repercussão internacional. Governantes de diversos países ordenaram uma revisão de seus respectivos programas nucleares, tendo como prioridade a segurança das usinas. Na Alemanha, o acidente influenciou o resultado de eleições regionais: o partido verde, antinuclear, superou o democrata-cristão, da chanceler Angela Merkel, que vinha impulsionando o uso da energia nuclear nos últimos anos. Ela anunciou o desligamento dos reatores de sete das 17 usinas do país – todos os que haviam entrado em funcionamento antes de 1980.

Segundo levantamento sobre o uso da energia nuclear realizado pela Global WIN (rede mundial de pesquisas) após o acidente japonês, 54% dos brasileiros são total ou parcialmente contra o uso desse tipo de fonte para gerar eletricidade no país. É o pior momento para a imagem da energia nuclear. O fantasma do acidente de Chernobyl voltou ao noticiário, não apenas como uma lembrança provocada por Fukushima, mas também porque completou 25 anos em 26 de abril, e os países ricos estão arrecadando dinheiro para construir um novo sarcófago para o reator da antiga usina – uma construção de 1,6 bi de euros projetada para durar cem anos.



Técnicos na sala de controle da Usina de Angra I

Para o professor do departamento de Engenharia Nuclear da UFRGS Sergio Möller, “a radiação é invisível e sempre deixa as pessoas inseguras. A opinião pública é guiada no sentido do preconceito, e não no de entender que toda a atividade tecnológica tem um risco. O problema é a percepção do risco”. Ele cita o grande número de vítimas de acidentes de trânsito no Brasil como um exemplo do que entende como desequilíbrio no modo como são vistos os perigos da tecnologia.

Luiz Soares, diretor técnico da Eletronuclear, empresa ligada ao governo e responsável pelas usinas nucleares brasileiras, diz que “é um momento de avaliação técnica do ocorrido e verificação de como as nossas usinas reagiriam a eventos proporcionais ao do Japão – não iguais, evidentemente, uma vez que no Brasil as condições geológicas não indicam a possibilidade de ocorrência similar. A principal questão é: não podemos ter acomodação em nossos estudos sobre segurança.”

Vantagens e desvantagens – Os especialistas consultados para a elaboração desta reportagem assinalaram que os engenheiros nucleares aprendem com os acidentes e a partir daí melhoram os padrões de segurança. O que o acidente de Fukushima revela é que talvez os mecanismos de controle internacional sobre as usinas não sejam suficientes.

A Agência Internacional de Energia Atômica, órgão ligado à ONU, estabelece orientações de segurança que devem ser seguidas por seus países-membros. O problema é saber se isso é cumprido ou não. A transparência poderia ajudar no processo contínuo de aprendizado a que se referem os especialistas. No entanto, a energia nuclear é vista como uma questão estratégica, e as nações se esforçam para manter sua tecnologia o mais secreta possível.

No imaginário popular, acidentes como o de Fukushima ajudam a associar a energia nuclear a desastres, percepção que acaba se sobrepondo às vantagens dessa forma de energia. Por

exemplo: o funcionamento das usinas gera pouca emissão de CO₂, um dos gases responsáveis pelo efeito estufa. O processo de obtenção de energia pelo carvão, por outro lado, é extremamente poluente, mas as duas maiores economias do mundo, Estados Unidos e China, têm no carvão a sua fonte majoritária de energia.

Johnny Ferraz Dias, professor do Departamento de Física da UFRGS, resume o debate: “Não existe uma fonte de energia perfeita. Se existisse, nós a estaríamos usando e não precisaríamos nos preocupar com nenhuma outra. Todas as fontes de energia têm vantagens e desvantagens”.

“A grande vantagem da nuclear é a geração de energia elétrica em um espaço físico reduzido, se comparado às outras formas. A densidade de potência e de energia de uma usina nuclear é muito maior do que qualquer outra”, afirma Sergio Möller. Essa característica possibilita o atendimento a uma demanda alta em uma área específica. As usinas de Angra dos Reis, por exemplo, atendem ao Rio de Janeiro e São Paulo, os dois estados com maior densidade populacional do Brasil e onde estão os principais polos industriais do país. A energia nuclear é, portanto, muito útil no caso do Japão, terceira maior economia do mundo em um território pequeno.

O problema é que esse país está localizado no encontro de três placas tectônicas, o que torna alto o risco de um terremoto acontecer. Questionado se não seria o caso de o Japão deixar de construir usinas nucleares por conta disso, Sergio responde: “E eles vão tirar energia de onde?”. O país não tem petróleo ou gás natural. De fato, após o acidente de Fukushima, o governo japonês anunciou que não vai abandonar a energia nuclear. A Ucrânia tampouco o fez, depois de Chernobyl. Quase 50% da energia produzida no país provém dessa fonte.

Daiane de David e João Flores da Cunha, estudantes de Jornalismo da Fabico

A situação no Brasil

Atualmente, o programa nuclear brasileiro conta com duas usinas nucleares em funcionamento, Angra I e II, e uma em fase de construção, Angra III, com inauguração prevista para 2015. Localizadas no município litorâneo de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, as usinas respondem por cerca de 3% do mercado de energia elétrica nacional, segundo dados da Eletronuclear.

O início da construção das termoeletrônicas brasileiras data das décadas de 70 e 80, respectivamente. Enquanto Angra I obteve seu reator nuclear da companhia elétrica americana Westinghouse, Angra II foi construída com tecnologia alemã, a partir do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, assinado em 1975. Segundo o professor Sergio Möller, são usinas “feitas para resistir a um terremoto de magnitude 7 na escala Richter.” A possibilidade de ocorrer um tsunami no Brasil está descartada.

Mesmo com tais garantias, o debate a respeito da expansão das usinas nucleares divide opiniões. Para estudiosos e organizações ambientalistas, o nosso país tem inúmeras outras possibilidades de geração de energia, utilizando fontes renováveis e não poluentes.

Outro motivo para questionar o aumento no número de usinas é o alto custo que envolve construir e sustentar complexos nucleares – incluindo aqui a questão do combustível e do lixo nuclear – se comparado ao percentual de energia gerado pelas usinas. Em lugar de consolidar mais termoeletrônicas, alguns especialistas defendem a construção de pequenos reatores, os quais seriam utilizados para pesquisas e para a produção de radioisótopos para diagnósticos médicos. Johnny lembra, entretanto, que o custo das usinas hidrelétricas também é elevado e que o importante é levarmos em conta “o quanto estamos dispostos a pagar para ter aquele serviço prestado”. Mencionando o sucesso do

Parque Eólico de Osório, localizado no litoral norte gaúcho, Sergio Möller afirma que o Brasil precisa aproveitar todas as condições naturais que possui. Ele ressalta, porém, que tipos de energia como a eólica, a solar e a hídrica são “dependentes das condições climáticas”. Além disso, o fato de vivermos num período de incertezas em relação aos fenômenos naturais também é algo que deve ser levado em conta na hora de se pensar a matriz energética nacional. “Não sabemos, por exemplo, como será o nosso regime de chuvas daqui a uma década. Há alguns anos, tivemos longos períodos de estiagem que fizeram muitos reservatórios secarem. As mudanças climáticas estão acontecendo e o homem é um dos protagonistas desse cenário”, afirma.

As previsões de aumento do consumo energético dos brasileiros – resultado de um maior crescimento econômico – são fator importante ao considerarmos o uso da energia nuclear no Brasil. Luiz Soares, diretor técnico da Eletronuclear, defende uma reavaliação constante da matriz energética nacional com o objetivo de garantir o desenvolvimento do país. “Nossa matriz, liderada pela hidroeletricidade, é a mais amigável ambientalmente no mundo. O sistema baseado em hidrelétricas precisa de complementação térmica, tanto do ponto de vista de sua capacidade quanto da estabilidade elétrica. Na parte térmica, a nuclear é uma alternativa muito competitiva em termos de custos, já que o Brasil possui a sexta reserva mundial de urânio”, comenta.

Para o professor Johnny Ferraz Dias, o caminho mais previsível da matriz energética brasileira é rumo à diversificação: “Nós não sabemos o que vai acontecer no futuro. Pode ser que seja descoberta a fonte perfeita de energia e abandonemos tudo para ficarmos com essa fonte limpa. Mas muito provavelmente chegaremos à conclusão de que vamos precisar de um pouquinho de tudo”.



A lista de 2012

Leituras obrigatórias

O processo de escolha e a análise das novas obras para o vestibular

A cada ano, os candidatos ao vestibular da Universidade aguardam ansiosamente a divulgação da lista de leituras obrigatórias para a prova de Literatura. São obras de autores brasileiros e portugueses – em sua maioria clássicos –, indicadas pelos professores do curso de Letras. Ter conhecimento das obras é um aspecto decisivo para os vestibulandos: em 2011, 14 das 25 questões da prova de Literatura estavam relacionadas às leituras obrigatórias.

A diretora do Instituto de Letras, Jane Tutikian, diz que a escolha das leituras obrigatórias “procura manter o padrão de qualidade do concurso vestibular da UFRGS”. Há uma preocupação em assegurar o equilíbrio entre os diferentes gêneros: a lista inclui conto, novela, romance, teatro e poesia (o que se pede de Álvaro de Campos são dez poemas selecionados, e não toda a obra).

Desde o vestibular de 2007, as 12 obras são divididas em três blocos de quatro. O critério de renovação é substituir, a cada ano, o bloco que estiver há mais tempo na lista por outro de quatro livros. Portanto, sabe-se de antemão os oito livros que serão mantidos para o concurso do ano seguinte. Esse sistema foi definido pela Comissão Permanente de Seleção (Coperse), responsável pela organização do vestibular da Universidade.

O processo de escolha das leituras envolve doze professores do Instituto de Letras: cinco de Literatura brasileira, três da portuguesa e quatro de Teoria da Literatura. As discussões começam após o vestibular e culminam com uma reunião com um representante de cada setor para definir, já em março, a lista final.

Flávio Azevedo, professor de Literatura de um curso pré-vestibular e ex-aluno da UFRGS, diz que se deve levar em conta o quanto um aluno do ensino médio consegue apreender das obras, quase sempre clássicos cujo sentido será melhor aproveitado quanto maior for a experiência, tanto literária quanto de vida, do leitor: “Deve-se pensar que quem vai fazer a prova é um aluno de 16, 17 anos, que está terminando o 3.º ano”. Jane Tutikian ratifica essa preocupação: “Os candidatos não podem ser vistos como se já estivessem na Universidade”, afirma.

As novidades – Os quatro livros incluídos na lista para 2012 foram “O

Centauro no Jardim”, de Moacyr Scliar; “A Educação pela Pedra”, de João Cabral de Melo Neto; “História do Cerco de Lisboa”, de José Saramago; e “Contos Gauchescos”, de Simões Lopes Neto.

Dentre estes, Flávio Azevedo aponta “A Educação pela Pedra” como a leitura que deve causar maior dificuldade aos vestibulandos. Considerada a principal obra do poeta recifense, é uma reunião de poemas publicados no início dos anos 60. Outro autor que pode causar estranhamento aos candidatos é Saramago e seu particular uso da pontuação. Ainda assim, segundo o professor, agrada mais do que o livro de outro autor português – Eça de Queirós – que estava na lista até este ano: “Nunca ouvi nenhum aluno dizer que gostou de ‘O Primo Basílio’. Ele acredita que Moacyr Scliar foi incluído pelo fato de ser uma personalidade da cultura gaúcha que faleceu recentemente, e que os ‘Contos Gauchescos’ entraram para a lista como uma homenagem pelos cem anos de sua publicação, em 1912.

Jane Tutikian, que disse desconhecer essa efeméride, apontou os nomes de Scliar e Saramago como de consenso entre os professores, mas não conferiu a essas escolhas um sentido de homenagem: “A morte de um escritor não o leva para a lista do vestibular. As escolhas são norteadas pela qualidade das obras e dos autores”. Sobre o escritor português, que “dispensa apresentações”, afirmou que “estava na hora” de incluí-lo na lista. A professora valoriza o livro escolhido para representar a vasta produção de Scliar: “O Centauro no Jardim” ganhou a preferência – a alternativa era “Exército de um Homem Só”.

Em relação à obra de Simões Lopes Neto, a professora disse que tem o mérito de trabalhar o léxico do gaúcho e conseguir formular um texto que ultrapassa as barreiras do regional e atinge o universal. Já “A Educação pela Pedra” é, segundo ela, um marco da literatura brasileira, por encerrar uma fase em que o poema era construído de modo “quase matemático”.

Dificuldades – De acordo com Flávio Azevedo, as leituras não são vistas pelos estudantes como uma exigência a ser cumprida: “Um bom estudante, que quer passar no vestibular, não se sente obrigado a ler. Ele lê porque sabe que precisa. É como dizer ao aluno que ele é obrigado a estudar. Ele não se sente assim, ele



Acima, os 12 livros indicados para a prova de Literatura no Vestibular do próximo ano

sabe que tem de estudar para passar no vestibular”. Ainda assim, algumas obras parecem exigir, além da leitura, uma boa dose de paciência dos candidatos.

Uma delas é “O Uruguai”, um poema épico de cinco cantos publicado em 1769 que conta a história da disputa entre índios, jesuítas, espanhóis e portugueses nos Setes Povos das Missões. Jane Tutikian reconhece que os candidatos provavelmente não têm vontade de ler obras como essa, mas afirma que, conforme as leiam, encontrarão o seu significado. “O conhecimento tem que ser maior do que o que dá ou deixa de dar prazer”, ela diz. Flávio Azevedo concorda: “Não acho que seja papel da Universidade cobrar leituras prazerosas apenas. Acredito que ela deva fazer um balanço entre o grau de importância da obra, a sua disponibilidade e a capacidade de o aluno absorvê-la”.

Outro aspecto que faz com que menos candidatos se disponham a ler todas as obras indicadas é a proliferação

dos resumos, que contam, em poucas páginas, o enredo da obra: “Esse é o nosso grande fantasma. Os resumos são mais perda do que ganho, inclusive porque muitos dos que circulam chegam a mudar a história dos romances. O vestibulando deve tomar cuidado com isso. A literatura é uma linguagem múltipla, que dá margem a uma série de interpretações. No momento em que uma pessoa elabora determinado resumo, querendo ou não, ele já tem a interpretação de quem o fez. É uma armadilha para os estudantes”, diz a diretora do Instituto de Letras.

O professor Flávio Azevedo comenta que “a UFRGS tem mais acertado do que errado” na escolha das leituras. A crítica que ele faz é à “maneira muito superficial” como algumas das obras obrigatórias acabam sendo cobradas na hora da prova: “O aluno que leu o livro quer se sentir valorizado, quer uma questão de profundidade que só quem leu tenha capacidade de respon-

der”. Por vezes, as perguntas podem ser respondidas sem que o candidato efetivamente conheça a obra ou sequer seu resumo.

O futuro – A fórmula das leituras obrigatórias tem mudado nos últimos anos. A principal alteração foi o sistema dos blocos, com uma nova lista a cada concurso. Uma ruptura importante foi a possibilidade de inclusão de escritores ainda vivos, o que não existia até 2008. Não fosse por isso, o fenômeno recente da literatura brasileira, “O Filho Eterno”, de Cristóvão Tezza, não estaria na lista. Por iniciativa do Instituto de Letras, está sendo discutida uma nova proposta para a prova de Literatura que implicaria a redução do número de obras. Caso seja aprovada, a mudança passa a valer a partir do vestibular de 2013.

João Flores da Cunha, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabc

Dois-pontos

► “Para mim” ou “para eu”

“Essa fantasia é para eu vestir?”, por exemplo, é a forma adequada de construção desse segmento sintático que tanta rasteira dá nos escreventes e, especialmente, nos falantes. Os usuários da língua raramente notam a pequena mas não desnecessária diferença de regência (vínculo sintático-semântico entre as palavras) que determina o uso de um ou de outro pronome.

Vamos tentar esclarecer com as seguintes construções frasais:

(1) *Trouxe o álbum para eu olhar. Essa é uma tarefa para eu me*

desafiar.

Comprei este livro para tu leres nas férias.

Nessas frases, a preposição **PARA** não está regendo o pronome **EU**, mas os verbos ‘olhar, desafiar, ler’, motivo por que a ligação sintática é *Trouxe o álbum para olhares*, e não *Trouxe o álbum para mim*.

Nessas frases (1), os pronomes retos destacados exercem a função de sujeito dos verbos ‘olhar, desafiar, ler’. São, assim, pronomes pessoais (*eu, tu, ele, nós, vós, eles*) exatamente porque ocupam essa função – que, reforço, só pode ser ocupada, em se tratando de

pronomes, pelos **personais retos**.

Se o pronome (2) não estiver na função de sujeito, mas de complemento, então se pode usar **para mim, para ti...** Aqui temos os **pronomes oblíquos**.

(2) *Trouxe o livro para mim.*

Falei pra ti que era longe!

Mas perceba:

(3) *Falei pra ti que (tu) não deverias comer isso.*

Trouxeste este livro para eu ler?

No primeiro caso das frases (3), *para ti* é complemento do verbo flexionado “falei” (*fala-se algo para alguém*). No segundo caso, *para eu ler* é uma oração subordinada que indica

finalidade. Tem, portanto, um verbo e, por conseguinte, um sujeito – no caso, o pronome pessoal reto **eu**. Seria incorreta, assim, na segunda frase, conforme a gramática normativa, a construção usual *Trouxeste este livro para mim ler?*

Perceba, ainda, o caso 4.

(4) *Foi difícil para mim entender o texto.*

É impossível para mim sair cedo hoje.

MIM, nessa situação, completa o sentido de *difícil* e *impossível*, não sendo, portanto, sujeito dos verbos. As frases (4) são, por essa perspectiva gramatical, adequadas.

Casos de usos adequados e inadequados conforme a norma culta: Trouxe os livros para mim. (adequado)

Trouxe os livros para mim ler. (inadequado)

Trouxe os livros para eu ler. (adequado)

Para mim, ler os livros é tarefa importante. (adequado)

Para eu ler os livros, preciso de silêncio. (adequado)

Ler os livros é tarefa importante para mim. (adequado)

Para mim ler ou não ler não faz diferença alguma. (adequado)

Antônio Falcetta, revisor de textos
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



A clínica vai às comunidades



Famílias transferidas da Vila Dique para o novo loteamento do Porto Seco levaram seus bichos na mudança

Veterinária Faculdade será parceira da prefeitura em projeto de castração de animais de rua

Caroline da Silva

Se o leitor costuma circular pela capital em ônibus da Carris, o projeto Bicho-amigo não é novidade. Muito menos seus objetivos: a educação para a saúde pública, o controle populacional de animais e a educação para a posse responsável. Já estão expostos no interior dos coletivos os cartazes com a imagem da Unidade Móvel II da iniciativa, doada e readaptada pelos funcionários da empresa. Trata-se de um ônibus para o transporte de animais de vilas populares para a realização de mais de três mil castrações, a serem efetuadas em uma clínica veterinária – vencedora de licitação pública –, para o atendimento de cães e gatos.

E se a Carris é parceira do projeto com a Unidade Móvel II, a UFRGS figura como potencial parceira nas ações da Unidade Móvel I. Educação, saúde pública, clínica e cirurgia são os principais focos do projeto que a Faculdade de Veterinária (Favet) apresentou à prefeitura municipal de Porto Alegre para ser parte do Bicho-amigo. Conforme a professora Liris Kindlein, futura coordenadora da iniciativa, o programa de extensão prevê a atuação da faculdade em ações para populações carentes em vulnerabilidade socioambiental do município.

Com caráter multidisciplinar, a atuação se dará por meio da Unidade Móvel I de Esterilização e Educação em Saúde (UMEES), estruturada e equipada pela prefeitura – um ônibus doado pela Associação das Empresas

de Transporte de Passageiros (ATP) que está sendo adaptado. O veículo será uma clínica-móvel dentro das exigências legais do Conselho de Medicina Veterinária, apto a procedimentos de esterilização de animais. A faculdade propôs 8 horas semanais aos docentes, técnicos e acadêmicos para atividades previamente agendadas nas comunidades.

Bem-estar animal – Lourdes Sprenger, atualmente na Coordenadoria Multidisciplinar de Políticas Públicas para Animais Domésticos de Porto Alegre (Comppad), conta a longa história que viria a motivar o estabelecimento do programa. “[Mal] começamos a trabalhar em legislação, saiu o programa de bem-estar animal, pela lei municipal 9.945/2006, sancionada em 2007. Quando eu entrei aqui, havia um projeto do prefeito José Fortunati para atuação nas unidades móveis. Mais tarde, soubemos que o Conselho Federal de Medicina Veterinária criara uma legislação para que os municípios não atuassem isoladamente, havendo a necessidade de vinculação a uma unidade de ensino. O prefeito escolheu a UFRGS pela credibilidade e experiência dos profissionais.”



Prefeitura também realiza campanha de incentivo à posse responsável de animais

Ações previstas – As primeiras audiências foram realizadas, e a Faculdade de Veterinária apresentou sua proposta de trabalho, que está sendo discutida com a Prefeitura para firmar o convênio. Entre as atividades previstas estão: atendimento clínico a animais domésticos oriundos das comunidades; atendimento cirúrgico, como esterilização; coleta de materiais biológicos para análises laboratoriais; ações educativas (palestras relacionadas a saúde pública – verminoses, doenças transmitidas por alimentos e zoonoses – e a maus-tratos); e a análise de água da comunidade. Os animais a serem atendidos passarão por uma seleção cujos critérios serão seu histórico biológico e os exames pré-operatórios.

A coordenadora de Políticas Públicas para Animais Domésticos da prefeitura diz que há um processo na área jurídica municipal para especificar como funcionarão os trâmites. “A unidade móvel para clínica deve demorar mais uns dois meses pra ficar pronta”, confirma Lourdes Sprenger.

Já a docente da Favet diz que apenas aguarda o contrato documental para dizer que a Universidade é parceira nesse projeto. “Quando estiver tudo certo, o primeiro passo será realizar levantamentos. Ninguém sabe, nunca foi feita uma estimativa, por exemplo, de quantos animais há na Vila Chocolate – um dos locais a receber a unidade móvel, assim como as vilas Dique e Nazaré, apontadas pelo poder executivo.

Quando o animal é meio de transporte

A Coordenadoria Multidisciplinar de Políticas Públicas para Animais Domésticos de Porto Alegre (Comppad) desenvolve outro projeto com resultados significativos: Adote um cavalo. “Quando nós assumimos, a cabanha municipal estava com mais de cem animais. E só era permitido doá-los para clínicas de equoterapia. Um acordo entre a EPTC e o Ministério Público estendeu para outras entidades civis que ficassem, então, como corresponsáveis”, narra Lourdes Sprenger. A entidade recebe o cavalo – abandonado nas ruas, apreendido por não serem mais permitidas as carroças –, e, após a doação, é feita uma averiguação eventual para ver se o cavalo não foi vendido e se está bem tratado. “Nós não temos como fazer isso, ir de sítio em sítio. Depois que fizemos essa campanha, doamos mais de cem cavalos de setembro até agora”, informa a coordenadora, que chama a primeira-dama, Regina Becker, de supervisora das ações da Comppad. “Hoje temos, na cabanha, um limite bom de 18 animais. Depois de um tratamento de 40 dias, colocam-se os chips de identificação e se reencaminha. Foi algo muito gratificante. Se doar um cachorro já é difícil... Nós vencemos esse desafio, e esse projeto está institucionalizado, sendo executado pela EPTC. Todo mundo conhece o Adote um cavalo”, conclui Lourdes.

A campanha se resumiu a divulgar o projeto na rede social de proteção animal, nos eventos públicos, aos funcionários da prefeitura, além da distribuição de folders pela cidade. Houve apoio externo, como o da Brigada Militar, que, por meio do seu comando, enviou ofício à corporação

no estado, buscando agregar adotantes dos animais. Outras entidades parceiras foram os Cavaleiros Farroupilhas, que são ambientalistas (não realizam esse tipo de cavalgada sem cuidados com os animais).

O projeto Bicho-amigo, que a UFRGS planeja com a prefeitura, também contempla os equinos. “Querendo ou não, é uma forma de tração pra eles [os moradores] trabalharem nessas comunidades. Então, nós vamos ver o perfil nutricional dos animais. Porque hoje eles têm uma mentalidade assim: compram um animal por 200, 250 reais, detonam ele por uns 3 meses, para depois comprar outro. Assim fica mais barato. O bicho morre, porque não aguenta”, relata a professora Liris Kindlein. O objetivo é fazer ações de conscientização sobre a manutenção dos cascos e a importância da nutrição dos animais.

A docente considera que a iniciativa que alia atividades educacionais ao trabalho sanitário será interessante, principalmente para os alunos terem contato com a realidade. Estão previstas seis bolsas de extensão para os estudantes, que ficarão encarregados de fazer um relatório semanal, elaborar ficha, inserir dados no computador e agendar as próximas consultas. “É uma responsabilidade grande, o aluno tem que gostar de estar com a comunidade. É completamente diferente de qualquer outro projeto, por estar diretamente e o tempo inteiro voltado à comunidade, sempre acompanhado de um professor ou um técnico”, avalia a coordenadora, que espera uma demanda muito grande.

Amigos dos bichos

O problema da grande população de cães e gatos de rua precisa de muitas iniciativas para ser contornado. Os protetores dos animais atuam dentro das suas possibilidades. Um exemplo é a advogada Ângela Brambilla, que já integrou a associação Bicho de Rua, mas agora trabalha sozinha, voluntariamente. Angel, como é conhecida no meio, tenta captar recursos por meio da organização

de brechós e doações espontâneas. Ela recolhe os bichinhos da rua, os esteriliza e vacina com a colaboração de veterinários parceiros, que realizam os procedimentos por baixo custo. No seu blog, adoteumbichoderua.blogspot.com, há informações sobre legislação ambiental, maus-tratos e sobre a importância da esterilização. Abaixo, outros endereços para quem se

interessa em adotar ou contribuir para a manutenção desses bichinhos.

- www.bichoseamigos.org.br
- <http://sitiodosbichos.blogspot.com/>
- www.gatoseamigos.org
- www.duasmaosquatropatas.com.br
- www.bichoderua.org.br
- www.angel.adoteja.com.br
- www.protetoresvoluntarios.dpi.com.br
- adoteumbichoderua@gmail.com

Especial

Entrevista Tarso Genro

A JACIRA CABRAL DA SILVEIRA E ÂNIA CHALA

“A universidade escolhe entre alternativas”

Governador proferiu a Aula Magna de 2011 e falou ao Jornal da Universidade sobre as responsabilidades da academia

Na manhã de 6 de abril, a comunidade universitária superlotou o Salão de Atos da reitoria para ouvir a Aula Magna apresentada por Tarso Genro. A uma plateia composta por estudantes, professores e técnicos, o atual governador do estado falou sobre “A Universidade e o Futuro da República”. Destacando a ideia de que o Brasil é ainda uma nação inconclusa, ele defendeu que o papel da Universidade deve ser o de fomentar o desenvolvimento de uma ciência capaz de responder às indagações clássicas da filosofia: a que é o homem e o que fazer dele e de nosso destino comum. Tarso frisou ainda que a Universidade tem um papel fundamental na elaboração dessas respostas, principalmente num país ascendente no cenário político, econômico e moral.

Ao ilustrar o sentido dado à nação, ao qual a Universidade pode se reportar recorrentemente, ele se emocionou ao lembrar o famoso gesto de reconciliação do ex-presidente sul-africano Nelson Mandela, que em 1995 compareceu às finais do campeonato de rúgbi no estádio Ellis Park vestindo o uniforme do Springbok e caminhou até o centro do gramado para cumprimentar o capitão do time. O público formado por brancos e negros começou a entoar seu nome, num dos momentos mais

eletrizantes da história do esporte e da política.

Após a palestra, o governador respondeu a questionamentos encaminhados pelo público. Uma das questões mais polêmicas, e que ganhou destaque nos jornais do dia seguinte, foi a pergunta sobre o seu posicionamento quanto à liberação da maconha no país. Tarso disse que hoje o uso dessa droga não se restringe a uma questão derivada dos costumes, mas constitui um elemento da globalização econômica e financeira. Por essa razão, na situação atual, a liberação do uso não ajudaria a combater a transformação de dinheiro em droga, droga em poder, poder em política, e assim por diante: “É um elemento de crise civilizatória para o qual eu não vejo, sinceramente, a melhor saída. Acho que é preciso fazer uma distinção nessa questão da droga, para pensar sua regulamentação e o que é realmente comprometedor à saúde mental, para poder trabalhar esse problema de maneira equilibrada”.

O governador recebeu a equipe de reportagem do Jornal da Universidade no Palácio Piratini, momento em que avaliou as políticas de educação nacionais e estaduais e falou dos investimentos que o estado do Rio Grande do Sul irá fazer no campo do fomento à ciência e tecnologia. A seguir, trechos da entrevista.

Jornal da Universidade – Em sua Aula Magna, o senhor falou que a grande questão do ensino superior, e do que deriva dele em termos de ciência e tecnologia, é a compatibilização do humanismo com as conquistas científicas e tecnológicas e com a reorganização do Estado. Na sua avaliação, ainda falta muito para que cheguemos a essa condição de um Estado com igualdade, com as mesmas possibilidades de acesso ao ensino em todos os níveis?

Tarso – Falta muito, mas já faltou muito mais, porque hoje há uma mobilidade social maior no país. A ascensão das classes que estão na base da pirâmide social brasileira já não é mais meramente molecular. Há vários grupos que estão ascendendo socialmente e, portanto, ocupando novos espaços na cena pública, na iniciativa privada e, inclusive, no processo de formação de opinião por meio das redes sociais. Então é possível dizer que o Brasil efetivamente começou uma revolução democrática. Porém, o país enfrenta uma crise de todos os paradigmas anteriores para a composição de uma sociedade justa. A utopia do socialismo estatolatra desapareceu e não corresponde mais a uma possibilidade histórica real. A socialdemocracia migrou para a centro-direita nos países altamente desenvolvidos e hoje é uma forma de dirigir e organizar o estado ocupada mais com os chamados ajustes e com o mercado global do que com o efetivo bem-estar da população. Por outro lado, a utopia neoliberal do mercado perfeito já estava morta há muito, e agora foi enterrada com a crise do *subprime* (iniciada em 2007 nos EUA). Portanto, o nosso caminho em direção a uma sociedade justa é também um desbravamento e uma recomposição do ideário humanista, libertário e democrático, que ainda está em processo de elaboração.

JU – O senhor esteve à frente do Ministério da Educação, e hoje o que estamos vendo nesse setor

tem muito a ver com as ideias lançadas durante a sua gestão. Que avaliação o senhor faz da implantação de suas propostas?

Tarso – Eu trabalhei fundamentalmente sobre quatro vertentes bem claras e definidas: a reorganização e o revigoramento do ensino técnico federal; a multiplicação das vias de acesso ao ensino superior, com a ampliação e qualificação da rede federal e o Prouni – Programa Universidade para Todos; a melhoria substancial das carreiras na universidade, com aumentos salariais que possibilitassem pelo menos uma remuneração digna aos professores; e o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que quase quintuplicou os recursos da União para a Educação Fundamental e para o conjunto da Educação Básica do Brasil. A aplicação dos recursos desse fundo começa a dar um choque de integração educativa no Brasil, possibilitando que o Nordeste aumente muito o seu desempenho no acesso à escola fundamental e tenha uma melhoria integral da educação básica. Acho que esses projetos todos estão sendo implementados gradativamente. Não há nenhum deles que esteja em crise. E posso dizer que isso é um patrimônio da minha vida pública que irei carregar sempre. Fernando Haddad, atual ministro da Educação, foi o meu secretário-executivo e não só deu prosseguimento a essas propostas como colocou esse trabalho em novos níveis de qualidade, até pela facilidade que tivemos de levar recursos para o Ministério da Educação durante os anos posteriores do governo Lula, que foi o grande alicerce desse processo todo. Eu não saberia dizer precisamente o que se andou daquela nossa utopia de melhorar a educação brasileira, mas que ela visivelmente melhorou e que está sendo trilhado um novo caminho não tenho dúvida.

JU – Como o senhor vê o papel da universidade pública no desenvolvimento da ciência? Até onde

ele vai e quais são os seus limites, se é que há limites?

Tarso – A produção científica não é neutra. Embora sua estrutura interna e sua composição metodológica possam ser utilizadas por distintos sujeitos sociais, políticos e acadêmicos, ela sempre visa a um determinado objeto. E o seu resultado, transformado em tecnologia e operado tecnicamente, sempre tem uma destinação. É um dever do Estado compor o roteiro dessa destinação. Vou dar um exemplo concreto: toda a pesquisa que foi feita para a industrialização de gases venenosos e todos os estudos envolvidos na indústria metalúrgica poderiam ser utilizados de maneiras distintas. Os gases, por exemplo, não precisariam ter uma letalidade que atingisse o ser humano. A engenharia e a metalurgia não precisariam ser empregadas para produzir fornos crematórios ou câmaras de gás. Então, a destinação do objeto da pesquisa está pautada por determinada visão da humanidade. E à Universidade cabe produzir essa pauta a partir de uma visão humanista. E essa visão humanista exclui certas alternativas e produz outras para estabelecer o relacionamento da universidade com o mundo privado dos negócios, das indústrias e da produção de normas jurídicas. Acho que essa opção entre alternativas que o sujeito acadêmico faz, em termos gerais, é o que vai modelar determinada sociedade. Vou dar outro exemplo: uma pesquisa acadêmica pode estar direcionada à área das teorias da tecnologia da informação tanto para que se exerça um controle do Estado sobre o indivíduo como para verificar

Nosso caminho em direção a uma sociedade mais justa é também uma recomposição do ideário humanista, libertário e democrático



A produção científica não é neutra. E operado tecnicamente, sempre tem um roteiro dessa destinação

quais os potenciais de controle que o indivíduo e a coletividade podem ter sobre o Estado. São resultados completamente diferentes! E essa é uma decisão integralmente humana. Integralmente política, portanto. Os animais não fazem política, os seres humanos fazem. Nesse sentido, a universidade compõe sempre uma estratégia política de formação do tipo de sociedade que se quer ter.

JU – O senhor diria que a universidade está mais humana? Em sua Aula Magna proferida na Universidade Federal de Minas Gerais em 2006, o senhor fez referência às fases pelas quais passou essa instituição, falando do período do neoliberalismo em que a universidade foi cooptada pelas ideias de produtividade e de incentivo ao crescimento a qualquer custo. Hoje estamos fazendo o caminho de volta?

Tarso – Sim, a universidade foi cooptada e esvaziada, porque essa cooptação só pode se dar a partir de um esvaziamento da instituição como sujeito social e político estratégico. Que as universidades devem ter relação com as empresas, eu não tenho dúvida. Que a colaboração da pesquisa privada com a pesquisa organizada no foro público é fundamental, eu também não tenho dúvida. Mas os resultados dessa relação é que certamente determinam a direção da universidade. Você pode encontrar, nas universidades norte-americanas, por exemplo, institutos de pesquisa voltados à indústria bélica que depois vão ser utilizados para os chamados “bombardeios limpos”. Ou você pode encontrar pesquisas



“A destinação do objeto da pesquisa está pautada por determinada visão da humanidade.”



FLÁVIO DUTRA/JU

O governador recebeu a equipe de reportagem do Jornal da Universidade no Palácio Piratini

...e seu resultado, transformado em tecnologia e uma destinação. É um dever do Estado compor o



destinadas à exploração espacial, buscando um novo infinito para a humanidade. São direções da pesquisa completamente diferenciadas. E essa decisão é integralmente humana. Se tivéssemos de apontar uma diferenciação radical entre o homem e o animal, a gente poderia dizer que o leão pertence à espécie *leo*, mas ele não sabe disso. Já o ser humano pertence à espécie humana e sabe que se diferencia da espécie *leo* e que pertence à comunidade humana. Essa diferenciação, que parece apenas uma metáfora humanista, é radical e mostra que o ser humano escolhe entre alternativas. E a universidade escolhe entre alternativas. Então a crítica que é lançada contra a universidade no sentido de que ela não pode se relacionar com a iniciativa privada é uma bobagem. O fato de ela não se relacionar com a iniciativa privada significa que abdica de interferir com alternativas nos processos de produção e de organização das empresas e nos objetos sobre os quais essas empresas vão socialmente trabalhar e interferir.

JU – Historicamente o Rio Grande do Sul não tem investido o que a Constituição Estadual prevê para a área de C&T. Como o seu governo irá tratar essa questão?

Tarso – Vamos progressivamente adequar o orçamento a fim de aproximá-lo do percentual constitucional e buscar recursos, como já estamos fazendo de maneira muito bem organizada e negociada junto à União Federal. A Secretaria de Ciência e Tecnologia estava completamente sucateada, e ainda está. Começamos agora a reaparelhá-la e reorganizá-la do ponto de vista institucional, a partir da iniciativa do secretário Cleber Prodanov, que está tendo, na Capes, recepção extraordinária do professor Jorge Guimarães – pessoa por quem tenho grande admiração.

JU – A Fapergs já teve grande importância no

estado e seu modelo foi copiado por São Paulo justamente no que tange à aproximação e ao fomento às pequenas empresas. Em 2009, a Assembleia Legislativa aprovou projeto de incentivo à inovação tecnológica. O que sua gestão fará nesse sentido?

Tarso – Isso tem a ver com o modelo de desenvolvimento do nosso estado. Tivemos fases bem definidas no desenvolvimento de nossa base produtiva: o Rio Grande do Sul foi primeiro um estado pecuário, depois agropecuário, depois agropecuário exportador de *commodities* e, paralelamente, desenvolveu uma base industrial. E essa base, composta de micro, pequenas e médias empresas, é hoje extraordinariamente rica e potente. Mas, na verdade, nos últimos 30 ou 40 anos, com pequenas exceções, o modelo de desenvolvimento reinventado para o Rio Grande do Sul foi de um tipo que poderia ser qualificado como “corra atrás da sua montadora”, entrando numa guerra fiscal originária do sistema tributário perverso do país – e que hoje até já acabou, porque todo mundo já deu tudo e não tem mais o que dar. Esse modelo “corra atrás da sua montadora” trouxe algumas empresas importantes, e ninguém é contra a vinda de montadoras; pelo contrário, elas devem ser atraídas, mas o esforço principal que o Estado deve fazer para induzir o desenvolvimento é a qualificação de sua base produtiva histórica. Essa base apresenta uma energia altamente positiva e uma inventividade extraordinária, e agora tem de se colar aos dois grandes universos que se debruçam sobre o nosso estado, que são o pré-sal e o polo naval. Portanto, há estímulos fortes externos que já vêm do Estado brasileiro, induzindo [ao desenvolvimento] a iniciativa privada, aliados à forte iniciativa da Petrobras como empresa pública, que temos de aproveitar. Eu diria que a nossa pesquisa, a nossa busca de inovação tecnológica tem de atentar a esses fatores. Não é aquela visão que o grande Barbosa Lima Sobrinho tinha em relação ao

Japão, de que o capital se faz em casa. O capital se faz em todas as esferas da globalização. Mas se não tem como contrapartida também o capital que se fez em casa, esse capital vai ser diluído, arrasado, porque o que vem de fora não necessariamente se acopla à base produtiva que aqui está, nem a valoriza. E pode, inclusive, degradá-la, transformando-a em mera fornecedora de serviços. Então, temos de fortalecer a nossa base produtiva, induzir à sua renovação, articulá-la com as grandes empresas locais, nacionais e globais, mas criar uma cultura científica e tecnológica que nos dê energia própria. E, sobretudo, valorizando a nossa malha de pequenas e médias empresas, que são as grandes ofertantes de emprego aqui no Rio Grande do Sul. É com essa visão que dizemos que o Estado tem que ir para um outro modelo de desenvolvimento. E é outro modelo mesmo! Quando se fala “corra atrás da sua montadora”, não se está fazendo uma ironia. Essa foi uma ideologia dos grupos hegemônicos da informação, da comunicação e empresariais que achavam que isso nos levaria ao Eldorado. E nos levou, na verdade, a uma desorganização tributária e fiscal total e a uma desestruturação das finanças públicas. Isso obviamente não foi feito de maneira dolosa, “vou estragar o estado”. Foi uma adesão acrítica ao modismo do neoliberalismo que gerou essas dificuldades estruturais hoje enfrentadas por vários estados brasileiros.

JU – Falando em direcionamento de recursos para a pesquisa: o que poderia ser feito para evitar a concentração de recursos em áreas tecnológicas – que são fundamentais ao desenvolvimento – em detrimento dos projetos voltados às áreas das ciências sociais e aplicadas?

Tarso – Acho que esse privilégio das áreas exatas foi uma reação a uma situação anterior em que o Estado não fazia pesquisa na área das ciências exatas, que é a matriz da base científica e tecnológica voltada à produção. Esse Estado considerava os pesquisadores uns chatos que tinham de receber algum dinheiro para que ficassem lá pesquisando os humanismos acadêmicos, sem permitir a sua participação na elaboração de uma universidade vitalizada e reformada. Tanto isso é verdade, que, nesse período em que os recursos iam aleatoriamente para os projetos das humanas, as pesquisas vinculadas a essa área, em grande parte, foram muito pobres. E as pesquisas voltadas às exatas são irrelevantes, porque à universidade não foi dada essa tarefa, nem recursos, nem organização

institucional para isso. Acredito que houve uma reação benigna para colocá-la na disputa, para interferir sobre a produção e as empresas, e as ciências exatas ganharam certo relevo. Acho que agora temos de partir para uma posição de equilíbrio, que só pode ser determinado por critérios políticos, ou seja, por uma visão política que leve a uma aproximação da incidência da universidade sobre as grandes questões sociais combinada com a incidência da universidade sobre a qualidade da nossa produção, da nossa inovação tecnológica e da nossa capacidade de criar espaços de alta tecnologia que gerem riqueza para nossa sociedade, empregos e que também tenham a capacidade de disputa na esfera global.

JU – Anualmente, a UFRGS coloca no mercado de trabalho um grande número de profissionais qualificados – número que vêm aumentando com a implantação de políticas de ampliação de vagas nos últimos anos. Qual será a sua política de Estado para promover mais vagas no mercado de trabalho?

Tarso – Estamos trabalhando num pacto interacadêmico que possa ser produzido entre as universidades comunitárias e as federais, e a estadual e as escolas técnicas da rede federal e estadual, para que haja sinergia entre essas estruturas e que elas estabeleçam um regime de colaboração na qualidade, mas que também não exista uma superposição entre elas. Essas instituições interferem no desenvolvimento da região e passam a ser também criadoras de empregos e de atividade econômica. Nós temos alguns exemplos, derivados da instalação da Unipampa, das escolas técnicas federais e das extensões da Universidade Federal de Santa Maria, em que só o fato de a universidade começar a se instalar já gerou uma dinâmica econômica nova na região. De fato, essa questão é absolutamente pertinente, veja o número de acadêmicos formados em Cuba no magistério e em outras áreas nas quais não existe uma necessidade correspondente na sociedade, e as pessoas acabam se transformando em professores-motoristas de táxi ou se tornam engenheiros trabalhando em serviços que não necessitam de qualificação. Então, ao aumento do volume de vagas e, portanto, de formandos e de técnicos, tem de haver uma evolução correspondente na base produtiva para que haja essa absorção e, portanto, a criação de riquezas num plano superior ao que vinha sendo feito anteriormente.

CACO ARGEMI/PALÁCIO PIRATINI



Tarso proferiu a Aula Magna do primeiro semestre de 2011 na manhã de 6 de abril

A crítica lançada contra a universidade no sentido de que ela não pode se relacionar com a iniciativa privada é uma bobagem





Kadhafi x rebeldes Após intervenção da OTAN, conflito no país entra em impasse

O conflito na Líbia, no norte da África, que se estende desde fevereiro, é uma das principais consequências das revoltas árabes. Inspirada pelo sucesso das revoluções na Tunísia e no Egito, parte da população se rebelou contra o ditador Muammar al-Kadhafi, no poder desde 1969. Ao contrário do que havia acontecido nos outros países, os insurgentes foram obrigados a se armar, e o quadro evoluiu rapidamente para uma guerra civil. Após alguns dias de conflito, ficou claro que as forças militares do governo eram superiores às dos rebeldes e que Kadhafi sairia vitorioso.

O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, então, resolução que impôs uma zona de exclusão aérea sobre parte do território líbio e autorizou o uso de todos os meios necessários para proteger os civis, com exceção do envio de tropas para a região em conflito. O principal mecanismo de ataque às forças de Kadhafi são os bombardeios. Em um primeiro momento, os ataques foram liderados pelos Estados Unidos, pela França e pelo Reino Unido. Depois, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) assumiu o comando.

O apoio à intervenção na Líbia sequer se aproximou da unanimidade. No próprio Conselho de Segurança, houve cinco abstenções – Brasil, China, Rússia, Índia e Alemanha. Além das restrições à entrada de países ocidentais em mais uma *front* de guerra, há críticas ao modo como eles respondem – de forma diferente – aos conflitos resultantes das revoltas árabes. Sob essa premissa, a comunidade internacional deveria intervir também no Bahrein e Iêmen, onde os governantes



O autor desta imagem, o fotógrafo espanhol Manu Brabo, foi preso pelo governo líbio

vêm igualmente enfrentando as revoltas com violência. Ou, ainda, o raciocínio inverso: já que o Ocidente não protegeu os civis desses países, não deveria tê-lo feito na Líbia – ou seja, para manter a coerência, deveria ter permitido o massacre de milhares de pessoas.

O que as críticas preferem ignorar é que se trata de situações diferentes em países diferentes. A violência no Iêmen e no Bahrein foi enorme, mas não chegou ao extremo do caso líbio: Kadhafi prometeu matar todos os rebeldes. Quando a resolução da ONU foi aprovada, as suas tropas estavam às portas de Benghazi, capital dos insurgentes. A decisão

do Conselho de Segurança pode até ter sido equivocada, mas, por causa dela, um massacre foi evitado.

A diferença no nível de violência não é, porém, a única explicação. Enquanto Muammar al-Kadhafi vinha sendo tolerado pela comunidade internacional nos últimos anos, aliam-se aos Estados Unidos os mandatários do Iêmen e Bahrein. Este país é base da 5ª frota naval americana, responsável pelo controle da região no Oriente Médio; aquele conta com forte presença da al-Qaeda, e, caso caia nas mãos de extremistas, tornar-se-ia um perigo ainda maior para os EUA. A maior potência militar do mundo tem evitado,

inclusive, criticar a repressão no Bahrein.

Impasse – Desde o início da intervenção, houve avanços e retiradas de um lado e outro, mas em nenhum momento Kadhafi ficou ameaçado de perder Trípoli, a capital nacional, e os rebeldes, Benghazi. Eles ocupam o leste, na região da Cirenaica, e o governo, o oeste, a Tripolitânia – divisões anteriores à formação da Líbia. Essa situação representa uma ameaça para a unidade territorial do país. Enquanto os rebeldes e EUA, França e Reino Unido exigem a saída imediata do ditador, o regime líbio não considera a possibilidade de

excluí-lo de um possível acordo de paz.

Em resumo, há um impasse na Líbia. Parece claro que apenas os bombardeios internacionais não farão com que Kadhafi deixe o poder. Os países da OTAN ficam no meio do caminho entre um apoio mais efetivo aos rebeldes – dando armas a eles, por exemplo – e um aumento de sua própria presença na guerra – mas sem levar tropas ao país, já que ninguém quer outro Iraque ou Afeganistão. A solução do conflito ainda está para ser encontrada.

João Flores da Cunha, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

Entrevista O conflito armado e a política

Marcelo Valença é professor do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Entre as suas áreas de atuação estão segurança internacional e economia política dos conflitos internacionais. Correspondente para a América do Sul do *The Sentinel Project for Genocide Prevention*, ele concedeu esta entrevista ao JU via e-mail.

Jornal da Universidade – A intervenção da OTAN na Líbia é legítima?

Marcelo Valença – Do ponto de vista jurídico, sim. A ONU, mais especificamente o Conselho de Segurança (CS), tem como missão preservar a paz e a estabilidade internacionais. Como a resolução de tomar todas as medidas necessárias para impedir o massacre foi aprovada naquele órgão, a legitimidade existe. Esse é o mecanismo que temos e, sendo bom ou não, é uma forma de garantir ordem e certo critério de ação. Contudo, a questão jurídica é apenas uma das esferas. Outra discussão que pode ser feita é sobre os meios empregados. Os bombardeios que foram realizados não são a forma mais eficiente de se acabar com

um conflito desses. Eles são bastante funcionais em termos de visibilidade dos esforços internacionais, mas a sua eficiência ainda tem de ser comprovada – temos histórico recente de ações do tipo que não resultaram no esperado.

JU – Muitos analistas afirmam que as revoltas nos países árabes têm sido tratadas com dois pesos e duas medidas: ao mesmo tempo que luta pela deposição de Kadhafi, a comunidade internacional, ou parte dela, ignora a repressão no Bahrein. Você concorda com essa visão? A soberania de certas nações (aliadas ao Ocidente) vale mais que a de outras?

Marcelo – Eu entendo que haja uma forma diferente de enxergar esses eventos e suas repercussões, mas não que seja o caso de falarmos em dois pesos e duas medidas. Acho, sim, que devemos entender como essas tensões políticas afetam interesses diferentes. Em alguns casos, é compensadora uma ação tanto em termos políticos quanto econômicos ou sociais. Em outros, acontece justamente o contrário. Não há um balanço favorável a uma ação que pode ser custosa política e econômica-

mente. Assim, temos essas “presenças e omissões” internacionais em casos semelhantes, mas que apresentam desfechos completamente distintos. Não concordo com essa ponderação de interesses, mas no jogo político isso é um elemento inescapável. O caso da Líbia aparece como expoente em uma sucessão de eventos no norte da África que marcam um pleito por mudanças políticas. Nesse caso específico, precisamos ver alguns fatores que colocam o bloco de países interventores como diretamente ameaçados pela tensão naquela região: migração em massa para a Europa; o petróleo, que sustenta a economia líbia e tem evidente impacto na economia internacional; a pressão por liberdade política; e o fim da violação dos direitos humanos, que impacta no discurso norte-americano em relação ao Iraque e ao Afeganistão. A Líbia pode ser vista como a síntese dos temas da agenda política internacional contemporânea, e a resolução de sua questão legitimaria a manutenção desses temas e uma atuação mais robusta em outras áreas. A visibilidade que o país ganhou com os casos anteriores do Egito e da Tunísia faz, também, com que uma atuação mais decisiva ali

reforce a credibilidade em outras intervenções em andamento, mas que estão comprometidas – Afeganistão e Iraque são exemplos mais evidentes. De certo modo, apresentam semelhanças com o caso líbio, e uma solução bem-sucedida neste traria, certamente, novos rumos para aqueles.

JU – A melhor maneira de a guerra na Líbia terminar é com uma resolução negociada do conflito entre Kadhafi e os rebeldes?

Marcelo – Em termos gerais, uma resolução negociada para o conflito armado é a melhor forma para a sua transformação: as partes rivais continuarão a ser rivais, mas abririam mão do uso da força para defender suas posições e interesses. A política seria transformada para uma relação não violenta, na qual a barganha aconteceria. Essa solução seria mais interessante para a comunidade internacional, para a região e para a própria dinâmica política líbia. O problema é fazer com que as partes em confronto aceitem abrir mão da violência para negociar: afinal, se o recurso da força foi escolhido, é porque elas entendem que o seu uso traz maiores ganhos para si.

Revoltas árabes Protestos alcançam a Síria

O conflito armado na Líbia mudou, de certa forma, o espírito das revoluções árabes, marcadas até então por manifestações pacíficas. O último país que começou a enfrentar grandes protestos recentemente foi a Síria. As forças de segurança do seu governo têm reprimido com violência os distúrbios, matando centenas de pessoas.

A Síria é uma república e Bashar al-Assad, o seu presidente, mas ele herdou o poder do pai, Hafez, que morreu em 2000. A família é alaúita, um ramo do xiismo do qual faz parte 10% da população, em um país com ampla maioria sunita. Mas o governo não impõe uma tradição religiosa sobre

outra: o regime é secular. Em 1982, Hafez al-Assad ordenou um massacre na cidade de Hama que vitimou milhares de pessoas. Era uma revolta de islamitas contra seu governo.

A reação inicial de Bashar foi a de compor um novo governo e prometer mudanças. Isso não satisfaz as demandas dos manifestantes, que exigem a sua saída. Os protestos, que haviam começado em Deraa, se espalharam pelo país. O ditador levantou a lei de emergência que vigorava desde 1963 e dava ao governo poderes de controle sobre os cidadãos. Essa reforma, apesar de histórica, não teve nenhum efeito imediato.

A Síria é uma peça-chave no equilíbrio do Oriente Médio. O país não reconhece Israel, com o qual travou quatro guerras. Assim como o Irã, financia os grupos Hamas e Hezbollah, tidos como terroristas pelos EUA e Israel. Ainda assim, não está claro se esses países se beneficiariam com a eventual saída do cargo de Assad, já que um novo regime poderia ser mais hostil.

No Bahrein, o governo decretou um estado de emergência para lidar com os protestos. Os manifestantes se concentravam na Praça da Pérola, na capital do país, Manama. O rei tomou uma providência: mandou demolir a praça. Para ajudar na repressão, a

Arábia Saudita enviou forças policiais ao país, o que foi muito criticado pelo Irã. Isso se explica porque a origem da revolta está na divisões sectária da sociedade do Bahrein: a maioria xiita se considera discriminada pela minoria sunita, na qual se inclui a família real. O Irã é um país majoritariamente xiita, e a Arábia Saudita, sunita.

No Iêmen, o presidente Ali Abdullah Saleh, há 32 anos no poder, segue tentando resistir às pressões para deixar o cargo. Os protestos contra o seu governo começaram em janeiro. Em meio à repressão, parte do exército segue fiel a Saleh e parte se juntou aos opositores.

Há diferenças entre a situação de Bahrein, Iêmen e Síria e da Tunísia e do Egito, onde Ben Ali e Mubarak, respectivamente, caíram: enquanto nestes países o exército se recusou a conter as revoltas, quando ficou claro que isso não poderia ser feito sem o massacre de milhares de pessoas, naqueles os governantes conseguiram levar a cabo a repressão. Resta saber até que ponto o ditador da Síria, que tem as forças de segurança ao seu lado, está disposto a agir: se apostará em outra solução para lidar com as revoltas ou levará o conflito ao extremo, o que talvez abra espaço para uma ação estrangeira.



Expedição encontra raro vertebrado fóssil

Paleontologia

Descoberta de pesquisadores da UFRGS no município de São Gabriel resulta em artigo na revista *Science*

Jacira Cabral da Silveira

Depois de uma viagem de mais de 4h pela BR290, a equipe do paleontólogo Juan Carlos Cisneros chega ao distrito de Tiaraju, no município de São Gabriel, situado na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, a 320 km da capital do estado. Pedindo permissão aos restos mortais de Sepé Tiaraju, líder guarani do século XVIII enterrado na região, os pesquisadores têm a missão de encontrar novos sítios paleontológicos, pois à época, março de 2009, a UFRGS estava desenvolvendo uma série de campanhas com esse objetivo.

Embora Cisneros não acompanhasse a turma naquela expedição, pois estava longe dali, prestando concurso para uma vaga de professor na Universidade Federal de Sergipe, ele esperava que seus colaboradores do setor de paleovertebrados do departamento de Paleontologia e Estratigrafia da UFRGS fizessem tudo conforme o combinado. Para facilitar o trabalho de todos, Juan inovou na metodologia de trabalho, usando imagens de satélite. Assim, poderiam identificar previamente possíveis sítios e economizar o tempo dispensado em investigações sem chance de sucesso.

Um ano antes, no município de São Gabriel, uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e da UFRGS encontrou o crânio de um anfíbio com 270 milhões de anos. De 2000 a 2005 já haviam sido publicados artigos resultantes de escavações realizadas por grupos da UFRGS e da PUCRS. Entre os fósseis descobertos naquele período estavam dentes de dinocerfálios (parentes distantes dos mamíferos), uma mandíbula de anfíbio gigante, espinhos de tubarões de água doce e o crânio de um pareiaçu, que era um réptil herbívoro com chifres do tamanho de um hipopótamo.

Na era Paleozoica, compreendida entre 540 milhões e 245 milhões de anos atrás, o meio ambiente gaúcho era árido, e, no que hoje vemos a região plana dos pampas, existiam enormes dunas – condição favorável para a conservação de fósseis por ser um lugar seco e menos suscetível à erosão. Por isso, por mais



FLÁVIO DUTRA/JU
Juan Carlos Cisneros exhibe parte dos fósseis encontrados pela equipe do departamento de Paleontologia e Estratigrafia

cansativa que tivesse sido a viagem, os colegas de Cisneros estavam ansiosos por começar a trabalhar.

“Vi um ossinho” – Paula Dentzien-Dias, então doutoranda em Paleontologia, era responsável pela equipe. Já se haviam passado quase três horas desde a chegada do grupo a Tiaraju, caminhando sob o sol quente e olhando cada detalhe de rocha que pudesse ser um fragmento fóssil. Até o mais experiente paleontólogo, acostumado a procurar sempre o mesmo tipo de vestígio histórico, é capaz de se confundir com tantos detalhes rochosos ou até mesmo não saber aquilatar o valor do material recém-encontrado. Foi o que aconteceu com Paula em março de 2009, quando comentou com os colegas: “Vi um ossinho”.

Marco Aurélio França, aluno do doutorado, Ana Emília Figueiredo, aluna do mestrado, e Tomaz Panceri Melo, aluno da graduação, correram até onde a colega estava: “Começamos a escavar e acabamos vendo que era um pedaço grande de um bicho do tamanho de uma capivara”, comentariam dois anos depois à repórter do *Jornal da Universidade*. Como ainda constassem outros locais no roteiro prescrito para a expedição, resolveram completar a lista e depois retornar para concluir a escavação.

Isso ocorreu dois dias depois, e a escavação levou o dia inteiro. Antes de serem retirados do solo, entretanto, os fósseis foram fotografados para que não se perdesse a linha correta de montagem e, assim, fossem evitados

erros no estudo do material. À medida que escavavam, sempre guardando uma distância aproximada de 20cm para preservar o fóssil, foi surgindo um material com cerca de 1m50cm de comprimento e um peso desconcomunal de pura rocha de arenito. Foi necessário que os quatro transportassem os dois volumes até a camionete (perna e resto do corpo), depois de os terem revestido com espuma de poliuretano. Só assim resistiriam aos solavancos da estrada na viagem de retorno a Porto Alegre.

Trabalho sujo – Ana Bueno, estudante de graduação com bolsa de Iniciação Científica, ficou com o trabalho sujo de limpar os fósseis – tarefa que exigiu habilidade em manejar ferramentas de impacto capazes de quebrar a rocha até chegar aos ossos fossilizados. Primeiro, ela começou a limpar a parte interna do lado esquerdo do crânio, respeitando a posição na qual ele foi encontrado pela expedição e retirado do solo. Cuidado redobrado foi necessário na hora de virá-lo para limpar o lado externo.

“Fósseis sempre são materiais frágeis, que requerem muito cuidado em seu manuseio”, recomendava Cisneros ao mesmo tempo em que despejava sobre a face já limpa do crânio cera de polietilenoglicol, que derrete a uns 50 graus e requer muito cuidado para não afetar o fóssil. O uso da cera, segundo o paleontólogo, impediria que o crânio se mexesse enquanto estivesse sendo manuseado: “É um trabalho bastante agressivo, pois são utilizadas ferramentas

que causam impacto na rocha a fim de rompê-la até chegar ao fóssil”, detalha Juan, que começou na paleontologia em 1999 e já fez escavações na América do Sul e na África.

O trabalho de Ana Bueno levou meses e envolveu, além da limpeza, o desenho dos ossos, feitos a partir de fotografias. Mesmo não sendo desenhista, é recomendável que todo paleontólogo se arrisque a usar lápis, papel e borracha.

Enquanto Cisneros ficou encarregado pelos desenhos mais artísticos, dando vazão à imaginação a partir das características reveladas pelo fóssil, coube a Ana fazer os desenhos técnicos, dando nome a cada ossinho. Esses desenhos são importantes para mostrar aquilo que só os olhos dos técnicos são capazes de perceber: “É um olhar interpretativo”, explica Juan.

Caiu a ficha – “Levou cerca de um mês até nos darmos conta do que tínhamos nas mãos.” Era início de inverno, e Paula estava terminando seu doutorado, escrevendo alucinadamente sua tese, quando Juan chama pelo MSN: “Encontramos algo que nunca foi visto antes!”.

Era a mais arrebatadora verdade. Como explicar aquela carreira de dentes extras no palato do animal? Talvez ele tivesse sofrido um acidente, compactando o crânio do lado esquerdo – foi uma das interpretações sugerida por Fernando Abdala e Bruce S. Rubidge, pesquisadores da Universidade de Witwatersrand, em Johannesburg, e colegas de Cisneros. Bruce, inclusive, fez parte da equipe de escavação de Karoo, na África do Sul, que em 1990 localizou uma espécie de fóssil proximamente relacionado ao encontrado no distrito de Tiaraju. No entanto, esse material não foi suficientemente estudado à época devido ao seu mau estado de conservação.

Observando as fotos e o próprio fóssil de Tiaraju, também era estranho explicar a presença de dentes de sabre no animal, característica observada em alguns carnívoros extintos, porém extremamente rara em um herbívoro. “Por ter sido um herbívoro, os dentes de sabre da nova espécie não teriam sido usados para se alimentar, e sim como armas nas lutas entre os membros da

mesma espécie ou, ainda, como defesa contra predadores”, escreveria Cisneros mais tarde.

Ao término da primeira etapa de estudo, chegaram às seguintes conclusões: o fóssil em questão é um terápsido (antiga linhagem de vertebrados que deu origem aos mamíferos), que viveu no Período Permiano da Era Paleozoica há pelo menos 260 milhões de anos. O animal possui o tamanho aproximado de uma anta, e entre seus traços mais curiosos destaca-se a presença de dentes alargados similares aos de uma capivara, porém localizados no palato. A isso se somam grandes dentes de sabre, de 12 cm de comprimento, presentes na maxila. Esse fóssil com tão estranha dentição constitui uma nova espécie para a ciência, a ser chamada de *Tiarajudens eccentricus*. O achado é interpretado como o registro mais antigo de um terápsido que possuía a capacidade de mastigar.

E por que é importante a mastigação, perguntaram alguns estudantes a Cisneros: “O contato dente-dente (oclusão dental ou mastigação) representa um grande avanço, que permitiu o processamento da comida dentro da boca. Essa é uma característica-chave considerada típica dos mamíferos. Contudo, a oclusão dental surgiu e desapareceu várias vezes durante a evolução dos terápsidos – a linhagem que incluiu os mamíferos e as formas fósseis relacionadas. O registro de dentes em forma de molar no palato do fóssil encontrado em Tiaraju constitui o exemplo mais antigo de uso da oclusão dental nos terápsidos”.

Artigo na Science – No dia 25 de março, a revista *Science* publicou o artigo *Dental Occlusion in a 260-Million-Year-Old Therapsid with Saber Canine from the Permian of Brazil*, elaborado por Juan Carlos Cisneros em coautoria com Fernando Abdala, Bruce S. Rubidge, Paula Camboim Dentzien-Dias e Ana de Oliveira Bueno e disponível no endereço www.sciencemag.org. No trabalho, eles registram a descoberta dos restos de um estranho vertebrado fóssil de hábitos herbívoros, batizado de *Tiarajudens eccentricus*, que significa “dente excêntrico de Tiaraju” (a localidade no Rio Grande do Sul onde foi descoberto).

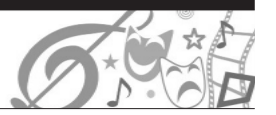
Qual é a importância desta pesquisa?

1 – É o primeiro registro de um animal do grupo dos *anomodontes basais* (os anomodontes formam o grupo de vertebrados terrestres mais numerosos nos períodos Permiano e Triássico), na América do Sul e, de fato, em toda a América.

2 – É o registro mais antigo de um herbívoro com dentes de sabre. Tais dentes surgiram várias vezes durante a evolução dos herbívoros, e nos mamíferos atuais estão representados no cervo-d’água e no cervo-almiscarado, ambos da Ásia. Como essa adaptação é representada em apenas poucos cervos de hoje, os pesquisadores consideram que o fóssil encontrado provavelmente era também uma espécie rara.

3 – Importância ecológica: a presença desse canino extremamente longo no *Tiarajudens* pode indicar um comportamento de ostentação/combate sexual (entre machos) em espécies com pelo menos 260 milhões de anos de idade. Nesse período se registra a interação/ostentação sexual representada pela exibição de caninos em *Tiarajudens eccentricus* e também pela batida entre cabeças praticada pelos dinocerfálios herbívoros. Ambos os comportamentos sexuais estão hoje representados em mamíferos herbívoros.

4 – Importância evolutiva: o *Tiarajudens* é o mais antigo exemplo de um terápsido com capacidade de mastigação. A aparição da mastigação foi uma característica-chave no sucesso dos terápsidos e eventualmente dos mamíferos.



Pensar o futuro de olho no presente

Conferências UFRGS

Léa Fagundes deu início às discussões sobre os caminhos que a Universidade poderá trilhar no contexto da sociedade do conhecimento

Com o surgimento de novas tecnologias, o desenvolvimento da comunicação entre os povos e a mudança da base produtiva, que deixou de ser agrícola para tornar-se industrial, a humanidade se viu, gradualmente, entrando em um novo ciclo social, político e econômico, a chamada Sociedade do Conhecimento ou Nova Economia. Inserida nessa realidade está a universidade, instituição que possui papel-chave na produção de ideias e saberes, elementos indispensáveis para o desenvolvimento das nações do século XXI.

Questionando suas próprias práticas e refletindo sobre os novos contornos que o ensino, a pesquisa e a extensão podem ganhar, a UFRGS oferece à comunidade acadêmica um ciclo de dez conferências intitulado “O futuro da universidade na sociedade do conhecimento”. Sob a curadoria de César Zen Vasconcelos, professor do Instituto de Física, a primeira conferência do ciclo ocorreu no dia 6 de abril e foi ministrada por uma precursora em termos de educação na era digital, a professora Léa Fagundes.

Pioneirismo digital – Bem-humorada e interagindo constantemente com a plateia, Léa Fagundes, coordenadora do Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia da UFRGS, iniciou sua conferência brincando com os seus 60 anos de magistério: “Estou tão velhinha que não posso nem assinar um projeto de extensão, porque tem limite de idade”. Segundo ela, seu pioneirismo na área da educação e da tecnologia não se deveu tanto às dificuldades enfrentadas e às limitações vencidas, mas principalmente porque “os outros não se interessaram por essas questões”.

Convidada a falar sobre as formas de aprender contemporâneas, Léa indagou se, antes disso, nós realmente conhecemos as formas de aprender tradicionais. Para a professora, a relação entre ensino e aprendizagem não tem necessariamente uma consequência lógica natural: “Podemos ser muito bem ensinados e não aprender, e podemos aprender muito e não ensinar”. Segundo ela, a concepção de ensino e aprendizagem dos últimos séculos está fundamentada na ideia de que, se o aluno presta atenção, realiza as tarefas e se esforça para memorizar o conteúdo, ele vai aprender, basta que o professor ensine bem. “Então, se a gente chega na sala, e os alunos não estão todos sentados, estão se mexendo e conversando, o professor não tem ‘domínio de classe’. As pessoas acham que, para aprender, a informação precisa entrar pelos ouvidos e as imagens pela visão. E como é



Para a professora, mesmo com a tecnologia digital, continuamos encarando a educação de forma tradicional

a nossa escola, a nossa universidade? O normal é todos os alunos sentados à frente do professor, e este ensinando o mesmo conteúdo, do mesmo jeito, a uma turma de 40, 50 alunos”, diz. As raízes dessa tradição remontariam à Era Industrial, época marcada pela produção massificada de bens de consumo e pela compartimentalização de conhecimentos. “Você aprendia uma habilidade para realizar determinada tarefa. Não se inventavam novas práticas, novos modos de fazer. Tudo era programável”, completa.

Do analógico para o digital – Léa ressalta que muitos avanços foram possíveis quando a tecnologia analógica começou a ceder espaço para a tecnologia digital. “A tecnologia analógica serviu para expandir os poderes mecânicos do homem. Nós descobrimos, por exemplo, que existiam micróbios porque a gente tinha o microscópio, que expandiu a visão. Mas chegamos à Lua expandindo os poderes mecânicos? Não, nós usamos a tecnologia digital. Essa tecnologia veio para aumentar os poderes cognitivos do homem, a inteligência. É dessa forma que temos de utilizá-la.”

Entretanto, a professora comenta que, mesmo com a tecnologia digital, continuamos encarando a educação de forma tradicional. Isso porque ainda se sabe muito pouco sobre os processos de aprendizagem, sobre como a informação é processada no cérebro e sobre como funciona a percepção, o afeto e a criatividade. “A pedagogia é a arte de ensinar. Como é que a gente ensina uma coisa que a gente não sabe como

é aprendida? Não se refletiu sobre isso. Ainda temos que pesquisar muito sobre o assunto, que entender sobre como aprendemos e também por que não aprendemos”, afirma.

Um passo importante para compreender como funciona a cognição humana foi dado no final do século XX, quando se descobriu que a inteligência não é uma faculdade adquirida, mas uma função psicológica presente em qualquer ser humano. “E, enquanto essa função está se desenvolvendo, o aluno está aprendendo. Quando não se desenvolve, não adianta ensinar que ele não aprende”, reitera. Para a professora, quando uma criança é bem alimentada, possui uma família que a protege e tem a chance de vivenciar muitas experiências, não há necessidade de métodos de ensino especiais ou de professores especiais, porque a criança vai aprender. “Agora, se a gente tem uma criança com um sofrimento social muito intenso, que possui necessidades não atendidas – que podem ser materiais ou psicológicas, falta de carinho ou de orientação –, essa criança não se desenvolve, não aprende.”

O projeto UCA – Exemplificando as ideias expostas sobre as formas de aprender contemporâneas, Léa apresentou com entusiasmo o projeto Um Computador por Aluno, o UCA, do qual o Laboratório de Estudos Cognitivos participa. A proposta é uma iniciativa do governo federal e tem como objetivo promover a inclusão digital entre os alunos da rede pública de ensino básico. A professora contou que cada criança, mesmo não estando

alfabetizada, recebe um *laptop* para ser usado tanto dentro quanto fora da escola – “a inclusão na cultura digital também se dá com a família, com os amigos e parentes” –, e a forma de explorar a ferramenta e as possibilidades da internet são uma escolha individual, que visa estimular a criatividade e as novas maneiras de aprender e pensar. “Isso não acontece quando somos obrigados, em qualquer disciplina, a dar só uma resposta certa, porque se consultam sempre os mesmos livros, se têm sempre os mesmos seminários e o mesmo conteúdo. Se nós trabalhamos com diferentes respostas e pesquisas, damos a chance para eles compararem, analisarem, contrastarem, fazerem a sua escolha e se transformarem em autores, em produtores de conhecimento. Mas tem que ter curiosidade, e essa curiosidade tem que ser despertada, estimulada”, reforça. Os *laptops* utilizam programas livres, e as crianças desenvolvem projetos de pesquisa que depois são compartilhados com colegas e professores. “Compartilhar ideias é socializar, aprender com o outro”, completa Léa.

Mais informações sobre a próxima palestra e sobre o restante da programação das Conferências UFRGS 2011 podem ser acessadas no site do Departamento de Difusão Cultural (www.difusaoocultural.ufrgs.br) ou na página 14 desta edição. O evento, que vai de abril a novembro, ocorre sempre às 19h, na Sala Fahrion, no segundo andar da reitoria.

Daiane de David – estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

JU indica

Leituras da Cidade

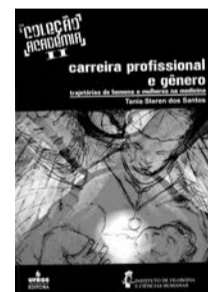
Zita Rodrigues Possamai (org.)
Editora Evangraf, 2010, 314 páginas
Distribuição gratuita



Resultado de duas edições do curso de formação de educadores, organizado na Faculdade de Educação da UFRGS, “Leituras da Cidade” se propõe a apresentar e a entender Porto Alegre, especialmente seu Centro Histórico, por meio de múltiplas leituras. Simulando um passeio pela capital e a partir de diferentes olhares, os textos estão reunidos em cinco percursos: históricos e arqueológicos; etnográficos; artísticos e culturais; cidade educadora; patrimoniais. A viagem histórica começa por enumerar papéis e funções de Porto Alegre desde o século XVIII, como ponto estratégico-defensivo na conquista de territórios pelos portugueses, passando pela imigração açoriana, por sua fixação como centro político, econômico e social dessa porção meridional do Brasil, chegando ao século XX com o crescimento da população e a reestruturação das ruas. Os percursos culturais conduzem o leitor pelas esquinas do Centro Histórico até o MARGS e a Pinacoteca Aldo Locatelli. A cidade educadora revela a importância do ensino de questões relacionadas à sua memória e ao seu patrimônio, expandindo o processo pedagógico para praças, avenidas e monumentos. A publicação pode ser solicitada gratuitamente no site <http://www6.ufrgs.br/leiturasdacidade>. (Luiz Eduardo Kochhann)

Carreira profissional e gênero – trajetórias de homens e mulheres na Medicina

Tânia Steren dos Santos
Editora da UFRGS e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010, 352 páginas
R\$ 33 (valor médio)



O livro faz parte da Coleção Academia, Série Humanas, lançada em 2002 com o objetivo de difundir a produção intelectual de professores,

pesquisadores e estudantes do IFCH. A obra é o resultado de uma pesquisa realizada no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, por meio da qual se avaliou a influência do gênero sobre a configuração da carreira de médicos e médicas, comparando-se às especificidades das respectivas trajetórias profissionais. Entre os aspectos apontados pelo estudo, está o fato de que, para alguns dos entrevistados, a crescente feminização da medicina tem provocado um maior grau de humanismo na profissão, especialmente no tocante à relação médico-paciente. Os dados obtidos comprovaram a hipótese inicial da pesquisadora de que o gênero determina a forma como se estrutura a carreira desses profissionais. Constatou-se, assim, haver disparidades entre as rendas individuais, concentrando-se as mulheres nas faixas mais baixas e os homens nas mais elevadas. Também se observou que a interferência da vida familiar na profissional é maior entre as mulheres que entre os homens, sendo a busca de conciliação entre o campo doméstico e o profissional mais enfatizada no discurso feminino. Finalmente, a autora sustenta ter encontrado indícios do surgimento de um novo estilo de liderança, mais participativa e dialógica, para a qual as mulheres contribuem com formas peculiares de exercício profissional. (Ánia Chala)



Espelho O corpo em miniatura da boneca representa tudo o que as meninas querem ser

Caroline da Silva

Domingo ao meio-dia, a churrasqueira lotada. Pessoas esperam por mesas, outras se sentem impelidas a desocupar as suas logo. Então, um senhor por volta dos 70 anos levanta-se e começa a girar por entre os espaços diminutos entre tantas famílias reunidas e garçons circulando. Ele segura um emaranhado de fios amarelos junto ao peito. Só o olhar mais atento percebe que aquele objeto que ele protege perto do coração é uma boneca Barbie de vestido longo. Ele contorna as cadeiras atrás da neta cuja pequena estatura permite esconder-se de quem observa a cena e acha graça da situação.

Plena terça-feira, também ao meio-dia. O ônibus Santana sai da Avenida Osvaldo Aranha rumo ao bairro. Três meninas, aparentemente da mesma idade, sentam-se num mesmo banco do coletivo. O pai de uma delas, no assento de trás, pergunta quem levou bronca da professora na aula. As três, com suas Barbies de longos cabelos loiros nas mãos, asseguram que nenhuma delas. Logo depois se abanca ao lado a mãe de outra, carregando a mochila cor-de-rosa-choque com o rosto estampado da boneca.

Boa moça – A menina hoje ainda cresce como uma princesinha para se tornar uma Barbie adulta? Tem como fugir desse modelo? “Não, porque a princesinha salva o príncipe, né? E ela tem preceitos ecológicos”, comenta a professora da Faculdade de Educação da UFRGS Paola Zordan sobre os traços heroicos e de boa moça da boneca, recentemente propagados principalmente em seus filmes. “Tu verás que existe um comportamento Barbie, mesmo nas Barbies Três Mosqueteiras... E há uma vitimização dentro dessa filmografia infantil: a posição do bem e do mal.” O modelo Barbie já não é mais só físico, mas também moral.

Segundo a observação da docente do Programa de Pós-graduação em Educação, a linha Barbie atualmente não possui carros, só se forem importados (e, portanto, muito mais caros), porque eles são encarados como um



Boneca da coleção da artista plástica Joice Giacomoni, que integrou a exposição Barbies Mutantes, apresentada no Museu do Trabalho

problema das cidades. “A indústria se adapta ao bom discurso, ao politicamente correto.” Semelhante processo ocorreu com a série das profissões, surgida a partir dos anos 80: “Em resposta ao discurso de emancipação feminina do final dos anos 60, surgem as Barbies profissionais, sendo que hoje elas não permanecem. Pelo que sei, têm apenas a Barbie veterinária e a Barbie roqueira”.

Mundo encantado – Apesar de a Barbie ter nascido em 1959 em Wisconsin (Estados Unidos) e o Ken ter aparecido dois anos depois, ainda são vendidas 172.800 bonecas em média por dia em todo mundo. Em algum lugar do planeta, hoje, uma Barbie é comprada a cada dois segundos. As informações foram divulgadas em função da exposição meteórica do Museu Encantado da Barbie, no Shopping Iguatemi, em Porto Alegre, inaugurada em 11 de março (por acaso, aniversário do Ken).

Durante os 24 dias da mostra, mais de 750 mil pessoas passaram pelo local em que estavam os 400 exemplares de Barbies e Kens do acervo do colecionador Carlos Keffer. Foram sete ambientes temáticos, além da brinquedoteca: Barbie & Ken, Vintage, Fashion, Luxo, Celebidades, Black Barbie e Deusas, Rainhas e Princesas.

A primeira boneca negra foi lançada em 1980 e foi vestida pela estilista negra Kitty Black Perkins. No Brasil, a primeira Barbie só surgiu em 1982 e agora são compradas duas bonecas por minuto. “O que engendra a produção desses figurinos, dessas representações sociais é o discurso dos anos 80 da inclusão e da multiculturalidade, que vai produzir uma palavra de ordem e vai incidir na produção industrial. As Barbies étnicas respondem ao discurso atualmente dominante da multiculturalidade e da aceitação da diversidade. Só que sectarizado: ainda há os grandes ícones, as princesas e a aristocracia num lugar de

destaque e, lá no cantinho, à esquerda de quem está no centro da exposição, estão as étnicas. Isso é representativo também na montagem da exposição”, analisa Paola Zordan.

Corpo/Espelho – No campo da arte, a pesquisadora garante que a Barbie faz parte do imaginário. “Mas ela é mais que uma representação, já dá para pensá-la como uma presença dentro de um modo de vida, de um protótipo de corpo feminino e de modelo desse corpo feminino.” Um dos slogans da Barbie é “tudo o que você quer ser”. Paola pergunta: “O que tu queres ser? Loira, magra... Aí entra também o discurso da eugenia que está em torno da Barbie. Ela faz parte de um modo de vida contemporâneo, faz parte da paisagem existencial das meninas – e dos meninos, consequentemente”. E se engana quem pensa que é somente a subjetividade feminina que está em jogo. A professora conta que a pri-

meira Barbie reproduziu uma boneca polonesa ou alemã que era de fetiche, não de brinquedo. “Antes, boneca era filhinha. E a Barbie é espelho. A Susi tinha olho de boneca e corpo mais infantil, embora o slogan dos anos 70 também fosse ‘quando crescer, quero ser a Susi’”.

Isso também explica o *boom* do silicone em nosso país. “No Brasil, o peito avantajado nos anos 80 ainda era feio. Quando a Barbie ganha mercado, surge outro padrão em relação ao corpo feminino. Um corpo para consumo masculino. Os grandes colecionadores mundialmente conhecidos da boneca são homossexuais; há muita fetichização.” Quanto à questão masculina, a pesquisadora diz que o momento é bom para ilustrar. No filme *Cisne Negro*, indicado ao Oscar em 2011, é possível perceber como a figura masculina é coadjuvante: “O homem é cabide”. Assim como o boneco Ken sempre existirá à sombra da Barbie.

Indústria cultural A forte presença de um brinquedo

Para Paola Zordan, a Barbie não é só um brinquedo, é mais que isso. Ela foi no primeiro dia da exposição ao Iguatemi ver o Museu Encantado e brinca que continua atualizada no assunto porque tem consumo doméstico da boneca: duas filhas pequenas em casa. “Ela é um objeto de coleção, e a exposição mostra isso. A grande questão: o que é o corpo e o que é a roupa? – porque é uma exposição de figurinos, mais do que uma exposição de Barbies. Uma exposição de ícones da cultura cinematográfica e televisiva. Tem reprodução de filmes, seriados...”

Totalmente inserida na Indústria Cultural, a Barbie se torna matéria-prima para protestos de arte contemporânea. “A Lia Menna Barreto teve uma exposição no Atelier Subterrânea com bonecas que são descascadas como laranjas. Todos esses trabalhos problematizam esse protótipo do corpo.”

Em exposição no Museu do Trabalho de 15 de março a 24 de abril, a mostra Barbies Mutantes de Joice Giacomoni com certeza teve menos visitação que a apresentada no Iguatemi. Mas ganhou projeção com a coincidência das datas. A autora das obras de técnica mista afasta qualquer hipótese de crítica à boneca: “Ela é uma miniatura de corpo humano, e tentei ficar bastante longe da coisa de detonar a imagem da Barbie”. Joice diz que isso “não tem nada a ver”, é uma ideia velha.

A publicitária formada pela Unisinos em 1994 e no Instituto de Artes em 1995 dá nome aos bois: “Na verdade, a sociedade é responsável por estigmatizar o corpo feminino e querer nos impor rótulos e comportamentos. A Barbie é só uma coitada de uma cópia desses conceitos. Não podemos culpar a boneca pela estética feminina de ser loira, magra, alta, com cara de boba. Não é uma manifestação isolada... A pobre da Barbie não tem culpa do que nós fazemos!”. Ela frisa que usa o brinquedo como uma demonstração de corpo humano, um minisser.

Foram dois anos de maturação do trabalho e quase 100 bonecas para resultar nas 25 “caixinhas”, miniuniversos das minibonecas. “A primeira série de Barbies foi assim: de todas elas eu arranquei a cabeça e pus uma lâmpada, uma coisa meio alusiva ao que as mulheres pensam, que não são só um rostinho bonito.” E a artista também assume que o cabelo loiro era uma coisa que a irritava bastante também. “Depois, na segunda fase, fui vendo que cada micromundo desses que eu criava às vezes não estava corretamente ilustrado, então fui refazendo. Todas as bonecas que estão na exposição foram muito bem pensadas, refletidas. Eram muito agressivas às vezes, pesadas, e eu não queria passar uma mensagem de destruição.”

Joice utilizou diversos materiais para compor

as *capelas semióticas*: borracha, silicone, garfos, lâmpadas, cabelo humano, palitos de fósforo, disquetes antigos, copos quebrados, percevejos, restos de computador, cabos, canudos plásticos. Sobressaem os elementos tachados como “necessidades contemporâneas”: teclados, cabos USB, webcâmeras, comprimidos de tarja preta, códigos de barras. “Hoje, tu mesma estás codificada. Tudo o que estamos vivendo hoje em dia é o que está nos causando mutação: o nosso comportamento, o nosso organismo, o nosso círculo, o ambiente que a gente cria, é tudo reflexo... Tudo é ação e reação. As crianças estão nascendo diferentes, de acordo com o que estamos vivendo; é memória genética. É uma crítica ao sistema, sim, mas tentando alertar. A Barbie foi usada para ser o nosso vuduzinho.”

A artista tentou ir à exposição no Iguatemi e não conseguiu: “As filas eram muito grandes, percorriam o shopping da entrada ao final. Circulei ao redor, dei umas espiadinhas, e por cima da escada rolante. Mas estava louca para ver, imagina...”. Ela diz que as coincidências não acontecem por nada. “A mídia aconteceu, felizmente, junto e o ‘museu desencantado da Barbie’ acabou levando uma boa vantagem”, brinca.

“O mundo da Barbie é o Museu Encantado. Mas sabemos que isso não é o real, como tudo. Toda a glamourização é assim, o que nos mostram na

TV, o que nos mostram no cinema, nas revistas. As mulheres não são assim! Elas são o que somos no dia a dia, às vezes acabadas, trabalhando, loucas da cara, às vezes muito bravas, gritando com os filhos, consumindo ao extremo, digitando com os olhos vermelhos de tanto olhar para a tela do computador. A realidade é essa. Quem conseguiu ver as duas exposições pôde sentir o que se estava falando, do idealizado e do real.”

Joice usou as bonecas de sua própria coleção para criar suas obras. Em seu quarto, há um armário de vidro com luz interna para a exposição das cerca de 60 “sobreviventes”. “Eu tinha algo como 150 antes... Acho que nem quero fazer o balanço final para não ficar triste. Ainda tenho um saco das que sobraram, mais ou menos peladas, e tenho que restaurar. Sabe que me arrependo muito? Foi uma vingança, também, lá pelas tantas, das que eu não gostava tanto”, conta com misto de pesar e satisfação. E mostra empolgada as Barbies raras: uma maia, uma japonesa, da Arábia, as negras, uma ruiva que ganhou de aniversário de casamento e custou 600 reais, a de Porcelana que trouxe de Praga. “Olha que lindas, olha os rostos, os olhos. Ela tem rosto de árabe mesmo, tem covinha até. São joias, têm características próprias”, exclama a artista, deixando claro que a desconstrução não é antônimo de adoração.

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

Do campo de futebol para a administração

Filho de agricultores e natural de Teutônia, cidade no interior gaúcho, Ismael Eggers encontrou na Escola de Administração não somente seu lugar na UFRGS, mas sua casa em Porto Alegre. Atualmente cursando mestrado, Ismael quase seguiu por outro caminho. Saiu de casa logo aos 15 anos para conquistar o sonho de qualquer guri na sua idade: “Meu objetivo era ser jogador de futebol. Passei pelas categorias de base do Juventude. Mas não fui corajoso ao ponto de sair do estado, procurar um clube no interior de São Paulo. Quando eu vi que não iria mais progredir no futebol, parti para meu outro objetivo, que era estudar Administração. Sempre foi o curso que eu pensei em fazer”, conta.

Aprovado no vestibular com 20 anos, ingressou no segundo semestre de 2005. Apenas dois meses depois, foi selecionado para a PS Júnior, empresa com atuação na área de consultoria, vinculada à UFRGS e gerida exclusivamente por graduandos da Universidade. “É uma experiência fantástica, que todo aluno de Administração deveria ter. Desde o princípio tu começa a te envolver com planejamento, responsabilidade e autoridade. Então, o estudante compreende melhor o que é uma empresa, já se sente parte dela e também passa a estudar mais. Muito do que eu sei hoje, além da responsabilidade e do desenvolvimento da capacidade de liderança, eu devo à empresa”, diz. O período de quase dois anos na PS Junior, parte dele como presidente, só fortaleceu o seu vínculo com a Escola. Foi a partir dessa experiência que ele se tornou presidente da Federação de Empresas Júnior do RS (FEJERS), cargo no qual permaneceu por cinco meses: “Me convidaram para assumir e reerguer a Federação. O resultado foi positivo”, lembra.

Ismael tem duas experiências no exterior. No final de 2007, viajou para os Estados Unidos, onde passou três meses morando na casa de um amigo intercambista americano que conheceu na Administração. “A Escola me proporcionou essa oportunidade de conviver com outra cultura e estudar a língua inglesa”, reconhece. Devido ao bom desempenho na graduação, ele

também obteve uma bolsa para estudar durante um semestre na Universidade Técnica de Lisboa. “Foi uma experiência fantástica conhecer outra cultura em uma universidade com muitos estudantes estrangeiros, o que me proporcionou muitas amizades.”

Durante os cinco anos dedicados à graduação, Ismael foi morador da Casa do Estudante, espaço pelo qual adquiriu carinho especial: “Foi um lugar que me acolheu, em que eu fiz muitos amigos. A casa me ensinou a ser mais flexível, a saber conviver melhor com as pessoas. Ela é uma lição de vida para todo mundo. Quem passa por lá com certeza sai diferente”.

Sua ligação com a Escola de Administração foi premiada na formatura com o recebimento da láurea. Alguns meses depois, ingressou no curso de mestrado em Sistemas de Informação e Apoio à Decisão. “É bastante puxado, com uma carga de leitura e trabalho muito pesada. Mas é gratificante. São dois anos que passam muito rápido.” Futuramente, cogita abrir uma empresa, desenvolvendo o espírito empreendedor despertado pelos anos de graduação, mas não descarta retornar à universidade para lecionar. “A minha ideia é ser professor. Então, eu pretendo voltar aqui para dar aula”, afirma. Após seis anos, o futebol ficou para trás, e Ismael vê a Escola de Administração como parte essencial da sua vida, seu lugar na UFRGS: “Desde que entrei aqui, eu só conquistei coisas boas. Graças a ela, pude viajar pra dois países, ter a experiência na empresa Júnior, conhecer minha noiva e fazer várias amizades. Aqui estou em casa, aqui eu me sinto bem”.

Luiz Eduardo Kochhann, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Ativa na décima potência

Themis Reverbel da Silveira
Professora desafia a “expulsão” da aposentadoria

Caroline da Silva

O nome é o da deusa da justiça, como quis o pai, Djalma Gomes da Silveira, advogado de São Gabriel. A mãe se chamava Lurdes Macedo Reverbel e era professora e rábula. “Sabe o que é rábula? Aquele que trabalha com Direito sem ser advogado. Assim como curandeiro em Medicina, tem rábula em advocacia. Ela trabalhava com o meu pai e era uma mulher muito inteligente. Ele era um cara fantástico também. Ela tinha constituintes – não são clientes em advocacia, mas sim *constituíntes* – que preferiam até conversar com ela. Então, eu sou muito favorável a fazer com meus filhos o que fizeram comigo: não me cobrar determinado tipo de conduta, de orientação na vida profissional”, conta a médica gastroenterologista Themis Reverbel da Silveira, cuja irmã também refutou o caminho da justiça. Ela tem três filhos homens, dois do primeiro casamento e o caçula, da união atual. Eles trabalham, respectivamente, com: Informática, Diplomacia e Direito.

Música e teatro – Nos fundos do palacete do bairro Moinhos de Vento, onde Themis reside com o marido Francisco de Araújo Santos, também professor aposentado da UFRGS, o som alto denunciava um gosto peculiar: Bach ao ritmo de jazz. “É uma heresia. Adoro!”, exclama a professora colaboradora convidada do Programa de Pós-graduação em Medicina. Ela confirma que a presença da música é muito importante em sua vida, inclusive para trabalhar.

Ainda em São Gabriel, já estudava piano. Continuou em Porto Alegre, para onde veio aos 9 anos para ser aluna interna do Colégio Americano. “Fui até o sétimo ano da escola estudando piano, depois fui fazer teatro amador. Fui Ofélia, dum Hamlet maravilhoso que montamos aqui com um diretor carioca chamado Sílvio Ferreira. Nessa peça, meu irmão era o Antônio Abujamra. Quando minha mãe ficava braba comigo, ela dizia que eu tinha cristalizado a cena da loucura da Ofélia”, narra, às gargalhadas. Themis guarda uma imagem muito boa dessa época de teatro amador, tão significativa que fez vestibular para o que na época chamava-se Escola de Arte Dramática. Em 1954, ela foi a primeira Glamour Girl oficial de Porto Alegre. “Aceitei porque nunca quis debutar, achava uma viadagem, mas sempre quis um vestido longo. Então me convidaram para ser a Glamour. Fui e ganhei”.

A medicina em Paris – Depois de ser contemplada pela beleza, entrou para a faculdade de Medicina, mesmo cursando Arte Dramática. “Lá pelo segundo, terceiro ano, me dei conta de que não podia continuar. Estava achando muito chata a faculdade de Medicina, porque



FLÁVIO DUTRA/JU

A pesquisadora ao lado de sua orientanda Thais Hammes

naquela época não havia pacientes no início do curso, então era um saco, era só física, química, anatomia, um troço seco, árido, não tinha nenhum corpo para entrarmos em contato. Aí briguei – dizem que sou braba, eu me acho uma flor de maracujá –, resolvi interromper o curso e fui para a França. Fiquei um ano letivo em Paris”, relembra aos risos.

Lá estudou generalidades na Sorbonne: cursos de francês e música e literatura da Idade Média. “E vi os meus primeiros pacientes, uma coisa louca. Era amiga duma moça que é de Porto Alegre, a Gisela Pinto Ribeiro, que trabalhava na embaixada do Brasil e tinha um amigo que era médico. Eu disse que estudava medicina num dia em que saímos pra jantar, e ele falou: ‘Quer ver paciente?’. Bah, era tudo o que eu queria, me apaixonei. E os primeiros pacientes vi no Hospital Saint Louis, de dermatologia, que não é o que eu faço hoje em dia, mas sim aparelho digestivo.” Quando terminou o período de um ano que ficaria na França, Themis voltou para a Medicina e se transformou na maior CDF do curso, desistindo completamente do teatro.

Gênero vingado – No início dos anos 60, como trote, as garotas tinham de ir ao centro acadêmico da Medicina servir cafézinho aos rapazes cantando “Medicina é papa fina, não é coisa pra menina”. E agora ela verifica a inversão dos tempos: “Hoje eu sou professora, e adoro ser professora, e vejo nas turmas 60%, às vezes 70% de mulheres, me dá uma alegria...”

Em 1.º de maio, Themis Reverbel da Silveira completou – não perceptíveis – 73 anos de vida. Aos 70 anos, os docentes da Universidade se defrontam com a aposentadoria compulsória, que ela insiste em chamar de “expulsória”. Então, não pôde mais trabalhar com os pacientes nem com alunos de graduação, somente permaneceu na pesquisa e atuando na pós-graduação: “Eu fiquei no Hospital de Clínicas, que amo de paixão. Fui oito anos diretora, dei meu sangue naquele centro de pesquisa onde estou até hoje e trabalho com meus bichinhos ali, com rato, camundongo e peixe – uma coisa fantástica”.

Há cerca de 30 anos, a professora criou a gastroenterologia pediátrica no HCPA. Sua residência foi na área que

contempla o sistema digestivo, assim como o mestrado. No entanto, para o doutorado, foi explorar uma área nova: a genética. Para o professor Francisco Salzano lhe aceitar no programa, ela teve que voltar à graduação: “Eu tinha 40 e tantos anos e fui pro terceiro ano de Medicina fazer a disciplina de genética”.

Themis criou o transplante hepático infantil no Clínicas, que completa 16 anos em 2011. A professora também desenvolveu um teste genético, menos agressivo que os outros, para detectar intolerância à lactose. E recentemente comanda um estudo pioneiro experimental no Brasil que utiliza o peixe da espécie *zebrafish* como cobaias. No ano passado, ela recebeu o prêmio da revista Cláudia na categoria Ciência.

Seu desafio atual foi iniciar na Ulbra como docente. “Estava sentindo falta de aluno, eu gosto de jovem, sabe? Gosto de falar para não convertido”, brinca. “Eu fiquei muito preocupada com o que seria de mim na compulsória, mas estou começando vida nova...”

Fapergs – Membro da Academia Sul-rio-grandense de Medicina, Themis é a presidente do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs). “Nosso problema é que nunca, em tempo algum, neste estado, foi dado o 1,5% da receita a que temos direito. Estamos esperando que os governos reiteradamente cumpram suas funções. A vinculação com o CNPq e com a Capes tem sido ampliada. E uma coisa bonita é a entrada em áreas em que tínhamos pouca inserção, como a Fiergs. O Doutor na Empresa, por exemplo, é um projeto novo muito interessante”.

A pesquisadora comemorou o fato de uma mulher, a professora Nadya Pesce da Silveira, da Química da UFRGS, ter sido nomeada diretora científica da Fundação. “O mal da Fapergs é a pouca verba! Temos aquele slogan ‘o futuro se faz com pesquisa’, mas eu te digo, sem verba não há pesquisa. E nós estávamos em humilhante último lugar entre todas as FAPs do país. Agora já estamos em penúltimo... Com essas verbas que estamos conseguindo negociar com CNPq, Capes e governo, vamos sair dessa humilhante posição e melhorar. Acreditamos que o governador vai dar um impulso importante”, afirma.



Pele e pedra

FOTOS E TEXTO **LUIZ EDUARDO ACHUTTI**



Nascer é existência pura, essência ainda não sabida. Alguns créditos na “bagagem” e um mapa em branco nas mãos. Ou seja, caminhos não sabidos, várias portas abertas para muitas possibilidades. A incerteza de caminhos retos ou de atalhos possíveis, quando atalhos são muitas vezes imponderáveis quanto ao risco.

Viver apenas existe em movimento, sempre vivendo a incerteza sobre linhas aleatórias ou retas. Eis que o terreno se apresenta para a gente evoluir, caminhar. Os primeiros passos pertenceriam às linhas tortas, portanto, caminhos da descoberta, traçados incertos para um mapa recém-existente.

Nascer é aprender a olhar, caminhar e olhar para escolher portas, não encontrar ou abrir portas. Portas que podem ser ilusão ou incerteza de caminhos retos ou de linhas precisas.

Viver é caminhar, aprimorar o olhar, fazer escolhas e desafiar caminhos, e até bater portas. Viver pode ser caminho de fotografar e inventar portas.

Fotografar é inventar caminhos não retos, porém não necessariamente aleatórios.

Fotografar e viver pode significar abrir portas, desobedecer (a) portas, desdenhar ou desafiar os atalhos. Fotografar é flunar para entortar caminhos retos, tornar aleatório o viver para renascer.

Revelar é, era, trazer à luz, mostrar, arriscar, inventar, escrever, traçar. Inventar mapas para outros nascerem, viverem, fotografarem...

A exposição dos meus 35 anos de fotografia revela o traçado, com ajuda da luz, do meu caminho, aleatório ou reto – pouco importa, ela é uma amostra do mapa que fiz da minha vida, para a minha vida. Os traços, dos troços – os meus rastros.

Entre pele e pedra, os rostos, os olhares e as pessoas me interessaram sempre mais do que fotografar portas, paredes ou pedras.

Os mapas podem ter começo, mas não têm fim, pois não há tesouros no X do fim do mapa (do mundo), o tesouro é traçar o mapa, seja ele qual for. O mapa é o tesouro.

Ofereço a vocês o mapa que não me levará, mas que me mantém renascendo, vivendo e fotografando.



Manágua,
1988



Manágua, 1988

Os traços, os troços e os rastros

Atelier do escultor Xico Stockinger, 2008



AS IMAGENS DESTES ENSAIO FAZEM PARTE DA EXPOSIÇÃO DO PROJETO **PERCURSO DO ARTISTA**, QUE HOMENAGEIA OS 35 ANOS DE CARREIRA DO FOTÓGRAFO E PROFESSOR LUIZ EDUARDO ROBINSON ACHUTTI. A MOSTRA TEM CURADORIA DE BORIS KOSSOY E PODE SER VISITADA ATÉ 29 DE JULHO NA SALA FAHRION DA REITORIA.